

Pág. 14

Afrobasket 2005 Angola conquista 8º título e 5ª presença no Mundial

Angola realizou uma conquista inédita e qualificou-se para o mundial de basquete no Japão em 2006. Foi hora de festa por uma vitória da unidade nacional.

Ao vencer o Senegal por 70-61, num jogo difícil, mas já com favoráveis 34-28, ao intervalo, Angola, ficou apurada para a quinta presença em campeonatos do mundo, participações iniciadas em 1986 em Espanha. Assim, Angola continua no pódio africano do basquetebol.

Entrevista com o presidente da CNE Caetano de Sousa

Pág. 3

Luanda aposta na habitação

Pág. 4



Entrevista com Nelo dos Jovens do Hungu

Pág. 12

Miss Angola em Portugal

Pág. 5



Angola apurada para o Mundial de Futebol 2006

A selecção angolana de futebol qualificou-se para o campeonato do mundo de futebol a realizar-se na Alemanha em 2006. Com a presença na taça das nações africanas, já garantida (em Janeiro no Egipto), a selecção de Oliveira Gonçalves garantiu a possibilidade de, pela primeira vez participar na fase final do campeonato do mundo, ao derrotar o Rwanda por um a zero, na cidade de Kigali. Com 18 pontos, na liderança do grupo IV, os mesmos que a Nigéria no segundo posto, a selecção defrontou nesta derradeira jornada o último classificado (Rwanda) apenas com cinco pontos. Os "palancas negras", que estarão pela primeira vez no Mundial de Futebol, terminaram a competição com 21 pontos.



Prosseguem os preparativos para as Eleições de 2006

Deputados esclarecem comunidade residente em Portugal

A sessão solene de abertura do ano legislativo 2005/2006, da Assembleia Nacional, apontou como prioridade a discussão de importantes diplomas para a vida do país, com destaque para a conclusão do Pacote Legislativo Eleitoral. O líder do parlamento angolano Roberto de Almeida, considerou como diplomas por discutir e aprovar no quadro do pacote eleitoral, as propostas de leis do Direito de Antena, Resposta e Réplica dos Cidadãos e da Imprensa. Indicou ainda como agenda da nova legislatura, a discussão e aprovação das propostas de leis do Primeiro Emprego, das Associações de Defesa do Ambiente e os projectos de Lei Orgânica da Provedoria da Justiça e do Estatuto do Provedor de Justiça.

O presidente do parlamento sublinhou que irão prosseguir às deslocações às províncias, com delegações mais abrangentes, de modo a primar-se por maior rigor no acompanhamento da execução dos programas e das realizações em curso nos preparativos das eleições, não se descurando o contacto directo com as populações.

Para o presidente do Grupo Parlamentar do MPLA, Bornito de Sousa, as eleições gerais previstas para 2006, «serão o combinar de um processo de consolidação da paz e aprofundamento da reconciliação nacional e o domínio de um novo período da actividade parlamentar».

Entretanto os institutos Democrático para os Assuntos Internacionais (NDI) e Republicano Internacional (IRI), promoveram em Luanda, um seminário visando capacitar representantes da sociedade civil, de partidos políticos e órgãos de gestão eleitoral em relação ao pacote legislativo eleitoral, recentemente aprovado pela Assembleia Nacional.

Após a aprovação do Pacote Eleitoral como parte da nova legislação eleitoral, uma delegação multipartidária de deputados da Assembleia Nacional esteve em Portugal para esclarecer os cidadãos angolanos sobre o pacote legislativo de suporte às segundas eleições gerais do país. A lei eleitoral, a lei do registo eleitoral, de Observação Eleitoral, dos Partidos Políticos, do Financiamento dos Partidos Políticos, e o Código de Conduta Eleitoral, bem como os regulamentos de algumas destas leis, foram analisados pelos cidadãos e os deputados, em dois encontros que se realizaram em Lisboa, e no Porto. Integraram a delegação cinco deputados, Efigênia Lima, Angêla Bragança e Pedro Valente do MPLA, Eugénio Manuacola da UNITA e António Wanguiva do PRS.



O Jornal Mwangolé conversou com a deputada Efigênia Lima, coordenadora da delegação e presidente da Comissão de Assuntos Constitucionais Jurídicos e Regimento do parlamento, sobre os objectivos da visita e as impressões que leva de Portugal.

MWANGOLÉ • Qual a impressão sobre os encontros que mantiveram com a comunidade angolana em Portugal?

O nosso propósito foi dar a conhecer aos compatriotas angolanos cá residentes, o estado de preparação das próximas eleições legislativas e presidenciais anunciadas para 2006 e isso foi cumprido.

Tivemos dois encontros com a comunidade, um em Lisboa e outro no Porto. A participação foi boa, mas em relação ao número estimado, acho que podia ter sido muito melhor. Portanto, é preciso continuar a fazer este trabalho de organização das associações e outras formas organizativas dos cidadãos, para que estejam controlados e registados e se saiba exactamente quantos são.

Houve ainda muita gente que reclamou por estar cá há bastantes anos e não se conseguir registar, por falta de provas, naturalmente, de que são cidadãos angolanos. De qualquer forma, considero que as sessões em Lisboa e no Porto estiveram bastante concorridas tanto em termos de presenças como de participação. As pessoas tomaram a palavra e manifestaram as suas ideias, deram opiniões, fizeram críticas, num autêntico ambiente democrático. A participação foi muito boa, mas é importante que encontros desta natureza se repitam mesmo a outros níveis, quer a nível da Assembleia, quer de outros órgãos do governo.

M • No Porto também notou distanciamento da comunidade?

No Porto, mais do que em Lisboa, notámos que lá existe um distanciamento maior da comunidade em relação às entidades consulares. É a impressão com que fiquei.

M • Como é que um angolano residente cá se pode candidatar a deputado em Angola?

Estamos na primeira fase de preparação das eleições, foi aprovado o quadro constitucional e legal que as regerá, portanto um cidadão que pretenda candidatar-se deve ter um conhecimento profundo das leis, pois são elas que estabelecem as condições a

observar para se ser candidato. No caso das eleições legislativas, as candidaturas são apresentadas pelos partidos políticos, portanto não há candidaturas individuais, qualquer cidadão

que queira candidatar-se, deve estar filiado ou ser convidado por um partido político, não terá que ser necessariamente militante desse partido deve ser convidado por um dos partidos concorrentes para integrar as suas listas.

Até às eleições é preciso aglutinar mais os angolanos.

M • Os angolanos na diáspora poderão votar?

Foi criado o quadro constitucional e legal e também a Comissão Nacional Eleitoral (CNE) está a criar os seus órgãos e a seu tempo fará uma avaliação das condições existentes em cada um dos países onde existe um grande número de angolanos e, só então, se anunciará onde será possível a realização de eleições. É cedo, mas

as pessoas devem pensar já qual é o seu partido de eleição, para integrar as suas listas.

M • Há outros países, a ter em conta para avaliar a possibilidade de votação dos angolanos?

A Inglaterra, a Alemanha, a França e o Brasil, são países onde a comunidade angolana é significativa.

M • Qual é a sua opinião em relação aos preparativos das eleições?

A nossa presença cá e de outras delegações parlamentares multipartidárias noutros países, é um sinal de que estamos a dar o nosso melhor, para que as próximas eleições não sejam contestadas, que sejam legítimas. O trabalho não está a decorrer só em Angola.

O governo está investir bastante na preparação das condições para o registo eleitoral, os partidos políticos, as igrejas e toda sociedade civil angolana está envolvida, no sentido de que as eleições sejam credíveis, justas e livres. O governo também está empenhado na educação cívica, há já um programa aprovado, em colaboração com a CNE e com a sociedade civil.

Existe esse projecto de programa de educação cívica que consideramos importante porque há muitos anos não há eleições,

espero que esse programa atinja também a nossa comunidade cá. Temos fé de que tudo correrá pelo melhor, e no final, todos os angolanos se vão rever nestas eleições.

Estamos a dar o nosso melhor, para que as próximas eleições não sejam contestadas.

M • Qual é a impressão que leva da comunidade angolana em Portugal a nível de organização?

Pensamos que há muito trabalho para fazer. Até às eleições é preciso aglutinar mais os angolanos, é necessário mais encontros destes, é preciso também que os nossos consulados se aproximem mais das comunidades.

M • Foi distribuída a documentação que contém todas as leis relativas ao pacote eleitoral?

O nosso Consulado em Lisboa teve o cuidado de mandar preparar um dossier contendo todas as leis, o qual foi distribuído aos participantes. As pessoas devem ter conhecimento das leis, para saber as formas como poderão participar nas eleições, por um lado votando e sendo eleitos, mas também podem participar como observadores, como agentes eleitorais, como fiscais, como mandatários dos candidatos, há uma série de modalidades que permitirão aos interessados intervir directa ou indirectamente neste processo.

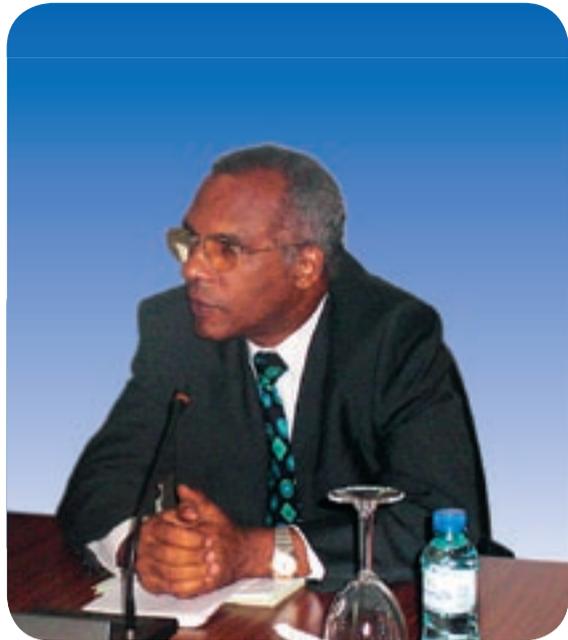


Presidente da CNE Caetano de Sousa

«a CNE não é um organismo isolado»

A Comissão Nacional Eleitoral (CNE), foi empossada a 19 de Agosto deste ano e o juiz Caetano de Sousa eleito para presidir este importante órgão nos preparativos das eleições gerais de 2006. Em entrevista recente à Rádio Nacional de Angola, Caetano de Sousa enfatizou que enquanto não termina o empossamento das Comissões Provinciais Eleitorais, e não se aprova o programa de registo eleitoral, deve prosseguir a campanha de educação cívica dos cidadãos. Sublinhou que até ao final deste ano, o país terá todas as estruturas eleitorais a funcionar. Foram já empossadas as Comissões Provinciais Eleitorais em todo o país, faltando apenas os gabinetes municipais. O Conselho Provincial Eleitoral de Luanda, é composto por nove membros e vai dinamizar o processo na capital. Em entrevista concedida ao Jornal Mwangolé o presidente da CNE fala sobre o papel da Comissão e mostra-se confiante no futuro.

Entrevista conduzida por: **Victor Silva**



MWANGOLÉ • A composição da CNE não levanta suspeições quanto ao seu funcionamento e imparcialidade?

Caetano Santos • A composição da CNE é a opção da Lei Eleitoral. As suspeições são sempre possíveis, dependem do posicionamento de quem as faz. No entanto, o funcionamento pode ser normal e imparcial uma vez que o processo eleitoral é público e o que se impõe à Comissão é cumprir a sua função e os membros da CNE devem conduzir o processo interiorizando a isenção, lisura e imparcialidade na sua condução. Na Comissão não se faz política, desenvolve-se, se quisermos, um processo tendente a tornar viável a opção política do cidadão eleitor através do voto. É um processo que visa a realização efectiva do direito de voto do cidadão eleitor, satisfazendo ao mesmo tempo a intenção política dos partidos políticos e candidatos às presidenciais com as eleições. Para esse objectivo quem faz política, são os partidos políticos. Os membros da CNE indicados pelos partidos garantem que o processo seja imparcial e isento. É verdade também que não estão representados todos os partidos políticos, mas essa foi a opção da lei, que não vamos discutir. A Comissão tem a obrigação legal de observar a Lei. Essa imposição é um princípio democrático que faz com que a observância da lei por si, seja imparcial e isenta.

M • Em quanto tempo espera a CNE fazer o registo eleitoral, sabendo-se que os meios disponíveis actualmente são inferiores aos de 1992?

CS • Nestas próximas eleições o registo eleitoral será feito pelo Governo. A CNE terá tão só uma função fiscalizadora no processo de registo eleitoral e aprova o programa do Governo para realizar o registo eleitoral. De forma que o prazo para realização do registo será resolvido pelo Governo.

M • Para a CNE, em termos logísticos, as eleições devem ser simultâneas ou separadas?

CS • As eleições devem ser simultâneas, não vemos razões para as separar. Devem ser realizadas as eleições Legislativas e Presidenciais em simultâneo, havendo uma urna para cada eleição. É uma questão logística, de economia de tempo e de dinheiro, é que o procedimento é o mesmo e como devem ser feitas no mesmo período, separa-las é perder tempo e dinheiro.

M • Tem a CNE meios logísticos suficientes para desenvolver a sua actividade a nível nacional? Nas províncias e municípios haverá condições?

CS • A CNE deve criar as condições logísticas para dar solução as actividades que se lhe impõem. É um conhecimento que vamos apreender com o desenvolvimento do processo envolvendo as estruturas provinciais, municipais e comunais para a abrangência nacional. Estamos em tempo de organizar as condições logísticas para dar solução ao problema.

M • Quando é que, na opinião da CNE, os observadores nacionais e internacionais devem entrar em cena?

CS • Os observadores entram em cena no processo de votação que é o que a CNE vai realizar, o que será dado a conhecer oportunamente. No registo eleitoral há o processo de fiscalização que vai ser desencadeado pela Comissão e não se prevê a intervenção de observadores, mas não se exclui essa possibilidade, uma vez que há a previsão de fiscais no processo de registo.

M • Como avalia as campanhas de sensibilização dos eleitores para evitar um previsível elevado número de abstenções?

CS • Está previsto um processo de educação cívica para as pessoas procederem ao registo eleitoral.

Este primeiro período de educação cívica visa levar o potencial eleitor a realizar o registo e a determinar o universo de eleitores que vão votar nas próximas eleições. Tenho confiança de que será bem sucedido. O segundo passo de educação cívica será feito a anteceder o período de votação e terá por objecto levar ao conhecimento do eleitor o processo de votação em todo o país, que pensamos que vai ser bem sucedido. A abstenção não é ainda preocupação.

M • A CNE está a encarar a possibilidade de utilização de mesas móveis de votação para aquelas situações de difícil acesso e de poucos eleitores?

CS • As mesas móveis de votação são uma possibilidade naquelas situações em que as populações se encontram dispersas por pequenos núcleos populacionais e próximas umas das outras. No entanto essa possibilidade será vista oportunamente com os dados concretos no decurso do processo de registo e de votação tendo em consideração a informação que nos chegarem das autoridades provinciais envolvidas no processo.

M • Há quem diga que o MAT (Ministério da Administração

Territorial) exacerbou o seu papel durante este período de preparação das eleições e que pretende controlar a CNE. Concorda com essa ideia e acredita num bom relacionamento entre a CNE e o MAT?

CS • Bom, o envolvimento do MAT e da Comissão Inter Ministerial teve e tem a sua razão de ser, primeiro há condições que foram encaradas pelo Governo que têm a ver mais com as condições materiais que o País deve ter para tornar possível o

processo eleitoral, condições essas de que a CNE não tem vocação para resolver, estamos a falar de situações de mobilidade de meios e de pessoas de e para diversos pontos do país (vias de comunicação terrestres, etc.; de situações de comunicação (telefone, rádio, televisão, internet, etc.) a resolver pelo sistema de comunicações nacional; de situações de segurança de pessoas e meios (envolve a Defesa e o Interior); situações que de uma, ou de outra forma, são obrigações do Governo que devem estar resolvidas para tornar possível a realização normal do processo eleitoral.

Depois, há a situação do registo eleitoral que vai ser realizado pelo Governo, que sendo um elemento necessário para o processo eleitoral, que pode ser realizado pelo Governo sem intervir no processo eleitoral propriamente dito. O Governo fornece os dados do registo eleitoral e as eleições são realizadas com base nesse registo, registo que é checado e confirmado no decurso de tempo para isso.

Não estou a ver como o MAT vai controlar a CNE, o que pode acontecer é que o MAT tem um representante na Comissão, é de conhecimento geral, e esse representante pode ter informações da CNE quase directamente, o mesmo acontece com os partidos que tenham uma pessoa na CNE. Não vejo porque questionar o relacionamento.

O que as pessoas devem perceber é que a CNE não é um organismo isolado dentro do País, que para cumprir a tarefa de que está incumbido necessita de se relacionar com todos os órgãos implantados da organização do Estado, da sociedade civil, com os partidos políticos, com as pessoas, etc., e isso, vamos e temos que fazer. Em poucas palavras, a CNE é mais um órgão de entre os muitos órgãos que fazem funcionar o país, e nesse contexto, não se pode nem deve marginalizar.

A CEN necessita de se relacionar com todos os órgãos implantados da organização do Estado, da sociedade civil, com os partidos políticos.

O primeiro período de educação cívica visa levar o potencial eleitor a realizar o registo e a determinar o universo de eleitores que vão votar nas próximas eleições. Tenho confiança de que seja bem sucedido.



Os debates em torno da urbanização da capital angolana têm originado acções práticas. O Governo da Província leva a cabo um programa de acção habitacional que levou já ao realojamento de várias famílias em situação de pobreza e estudam-se instrumentos de gestão do ordenamento territorial e urbanístico. Assim, o sonho de ter casa própria, em zonas como o Benfica ou Gamek, "habita" em cada mente angolana...

Luanda • Em dias de



Largo da Independência

Em quase todas as cidades angolanas estão em curso projectos de reconstrução de estradas, casas, instituições de ensino, e recuperação de parques industriais, mas em Luanda, as atenções estão concentradas na construção de habitações a fim de que a maioria dos cidadãos angolanos possa ter um tecto digno.

Mais de mil famílias que residiam em condições de pobreza, em Luanda, foram realojadas em novas habitações nas áreas do Zango, (Viana) e da Sapu (Kilamba Kiaxi), no âmbito do Programa de Emergência Habitacional de Luanda. Essas famílias moravam nas barrocas da Boavista e nas imediações do Museu Central das Forças Armadas (FAA), localizadas nos municípios do Sambizanga e da Ingombota e foram levadas para residências, de carácter económico, com três quartos, cozinha, sala, quarto de banho, entre outros compartimentos.

Entretanto, com base no Orçamento Geral do Estado recentemente revisto, o Primeiro-Minis-

tro de Angola, Fernando da Piedade Dias dos Santos, deu a conhecer que o Governo pretende construir mais quinhentas moradias nos próximos tempos. "Nos últimos três anos construímos duas mil e quatrocentas e cinquenta casas de baixa renda", adiantou.

Projectos em Curso

De entre os vários projectos habitacionais em curso, destacamos o "Harmonia", da cooperativa habitacional "O Lar do Patriota", no Benfica, este projecto fará surgir casas sociais com um valor até dez mil dólares. Segundo o seu presidente, António Henriques da Silva "Dinguanza", pretende-se ajudar na resolução dos problemas de habitação com que se debate a população angolana mais carente. As mesmas casas sociais serão dirigidas aos sócios da cooperativa de baixa renda com um rendimento médio inferior a trezentos dólares. Decorrem conversações com bancos para o financiamento da construção de cerca de cem mil moradias. A cooperativa O Lar do Patriota tem uma área existente de 387 hectares, onde mil e 500 casas estão já concluídas e uma área em expansão de 900 hectares.

Criada em 2001, a Cooperativa O Lar do Patriota é uma iniciativa que vai de encontro aos programas do governo, na satisfação das necessidades habitacionais das pessoas de diferentes estratos sociais, sobretudo em Luanda. As suas casas estão divididas em três classes. A mais cara é a da classe A que custa 165 mil dólares, a do tipo B, 95 mil e a da classe C, orça em 55 mil dólares. É condição inicial para a entrega, o pagamento de 20 por cento do valor total da casa, através de prestações equivalentes a 100 dólares/mês, num período de 10 anos. Este projecto deverá estender-se para as provín-

cias do Soyo, Cabinda, Benguela e Lubango.

Outro agrupamento de casas para o qual muito se tem concorrido é o "Nova Vida", localizado na zona do Golfe II, município do Kilamba-Kiaxi. Aqui, as casas compreendem uma sala comum, três quartos, cozinha, despensa e quarto de banho. Numa primeira etapa, foram gastos pouco mais de 65 milhões de dólares na empreitada, que emprega mais de dois mil trabalhadores angolanos. Desse projecto, constam 800 moradias, 664 apartamentos, e tem como consultor e fiscal a "Africon" e entre outros empreiteiros o "Group 5", "MGA Projects" e a "Regional

Plubing". A sua área social abarca três escolas do primeiro nível, duas do segundo e outra do terceiro, contando ainda com um hospital. Na área funciona já uma sub-estação da Empresa de Distribuição de Energia de Luanda (EDEL).

No Zango, 60 quilómetros a sul da capital, estão a ser erguidas mais de sete mil e 500 casas, das quais já beneficiam ex-moradores da Boavista, que viviam em condições precárias. Mais de três mil residências estão igualmente a ser levantadas na localidade do Panguila, onde moram já várias famílias desalojadas da periferia das valas de drenagem a ser construídas em



modernização



municípios da capital. Um grupo de famílias que residiam ao longo da linha-férrea (quilometro 12, Grafanil), município do Cazenga, foram transferidas para casas económicas do bairro Panguila, no município de Cacuaço, em Luanda. Segundo o administrador comunal do Tala-Hadi, Simão Neto, que revelou o facto à Angop, o realojamento das famílias enquadra-se também no programa de acção habitacional de emergência do Governo da Província de Luanda, visando a melhoria das condições de habitabilidade dos municípios. As famílias, de acordo com o administrador, foram para as novas residências em viaturas do Governo Provincial e dos Caminhos-de-ferro de Luanda, responsável pelas obras. Devido à modernização e construção de obstáculos ao longo da via, todas as residências abrangidas serão demolidas e os proprietários transferidos para locais com maior segurança. As residências possuem três quartos, cozinha, sala, quarto de banho e outros compartimentos. Realçou que esta medida visa proteger a vida dos cidadãos de eventuais acidentes ao longo da via férrea e dar-lhes residências condignas. O Projecto Zango está planificado para 26 mil e 600 unidades de alojamento de baixa renda, para abrigar 160 mil pessoas e ocupa uma

área de mil e 100 hectares. Quando visitou o Zango, o Chefe de Estado angolano percorreu as instalações do futuro Instituto Politécnico local que no próximo ano lectivo poderá albergar cerca de mil e 500 alunos. Já funcionam ali seis escolas do primeiro ao terceiro níveis onde estudam três mil alunos.

Bancos garantem apoio

Alguns bancos comerciais que operam no mercado angolano garantem apoiar o sector da construção, contribuindo assim para o processo de recuperação de infra-estruturas no país. O Banco de Fomento Angola (BFA), por exemplo, além de financiar a recuperação de moradias, tem concedido créditos para a construção de novos prédios. Recentemente, financiou um condomínio no projecto Luanda Sul, avaliado em dois milhões de dólares. Este banco concede empréstimos para a recuperação

de casas que vão dos cinco mil dólares, até acima dos dois milhões.

Devido à dinâmica que o sector apresenta e à necessidade de reconstrução do país, o BFA está já a analisar financiamentos para projectos acima dos 30 milhões de dólares. Para melhor satisfazer os seus clientes está também a praticar as taxas de juro mais baixas do mercado. A taxa indexada ao dólar está entre os 9 e dez por cento (dependendo das garantias prestadas ou do risco na operação). A média do mercado ronda os doze por cento ao ano. O BFA privilegia igualmente o crédito à habitação, para o qual disponibilizou mais de 60 milhões de dólares, mas o volume global destinado ao crédito ascende os 350 milhões de dólares.

Em relação ao projecto "O lar do patriota", o presidente do conselho de administração do Banco de Poupança e Crédito, Paixão Júnior, afirmou que as conversações entre a instituição que dirige e os



responsáveis da cooperativa estão no bom caminho para se encontrar uma linha de crédito que facilite a construção mais rápida de algumas casas.

Crédito para jovens

A guerra que durante mais de três décadas dilacerou o tecido sócio económico e cultural do país, teve nos jovens os principais lesados. Estes dificilmente conseguem estruturar as suas vidas familiares devido a falta de casa. Atento a esta situação, o Governo angolano pretende ir de encontro à resolução dos problemas básicos da juventude. Estão em curso uma série de iniciativas para que a questão do primeiro emprego esteja na ordem das prioridades da política do Governo. O primeiro-ministro, Fernando da Piedade Dias dos Santos, ressalta que a solução para os problemas habitacionais dos jovens, passa pelo envolvimento da banca, "uma das condicionantes

à promoção habitacional reside, fundamentalmente, na ausência de crédito. Urge a elaboração de uma Lei Quadro da Habitação que emane os instrumentos legais necessários ao enquadramento da intervenção no domínio habitacional".

Contudo, o grau de engajamento das instituições bancárias e governamentais, quanto à política habitacional, vai depender da materialização de medidas exequíveis e que passem necessariamente pelo incentivo à auto-construção dirigida, à construção sob a forma de cooperativas, bem como o recurso ao crédito habitação.

MWANGOLÉ

(Paulo de Jesus em Luanda com Mwangolé)
Fotos de Vidas da Purificação e Sudika Santos



Praça do Kinaxixe



O administrador da Imporáfrica, anunciou em Luanda que para além do hotel Empório Luanda Plaza, a Imporáfrica tem em carteira um projecto denominado "Vila de Luanda" que, numa primeira fase consistirá na construção de sete edifícios habitacionais de 8 andares cada, com tipologia T1 e T3 destinadas ao segmento médio da população.

Jurista angolana lança obra sobre processos políticos

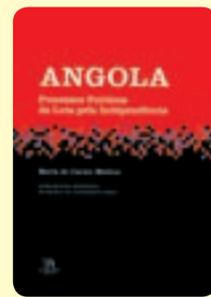
A professora e jurista Maria do Carmo Medina apresentou em Lisboa, o seu livro com o título "Angola - Processos Políticos da Luta pela Independência", associada às comemorações do 30º aniversário da independência de Angola, a assinalar-se a 11 de Novembro.

Na obra com 395 páginas, da responsabilidade das Edições Almedina, AS, a autora condensa a história dos processos judiciais que levaram à barra dos tribunais cidadãos angolanos decididos a romper o ciclo da secular opressão, no contexto da longa tradição de resistência.

Maria Medina faz igualmente uma abordagem dos acontecimentos ocorridos no país, nas suas vertentes histórica e política, trazendo à superfície todo o sistema que fazia funcionar a máquina repressiva colonial. Relata factos que viveu e, cujo registo considera importante para a memória colectiva dos angolanos. Do mesmo modo, procura evidenciar como foi criado pelo estado ditatorial português a cobertura legal concedida à Polícia Política (PIDE), como actuava e intimidava, através das estruturas judiciais e administrativas.

Dá igualmente particular relevância à articulação concertada e permanente entre as cúpulas do então regime fascista, o governo central, por via do ministro do ultramar, o governo colonial, por via do governo-geral e seus secretários gerais e provincial e a PIDE. O livro da professora e jurista Maria Medina revela também os procedimentos jurídicos e administrativos com que o sistema opressor colonial reagia ao desafio dos colonizados.

Na sua intervenção, o embaixador de Angola em Portugal, assunção dos Anjos, destacou o valioso contributo que a obra aportará para o conhecimento da história contemporânea do país. Considerou que na história dos povos há acontecimentos que constituem referências incontornáveis para compreender o seu destino. A obra, apresentada pelo advogado que trabalhou com a autora na elaboração de vários processos no período colonial, a partir de Lisboa, Levy Baptista, inclui um conjunto de documentos que testemunham as condenações de que foram vítimas um número elevado de cidadãos angolanos. **Angop/IA**



Eduardo Beny apresenta: "A paz e a guerra nas relações internacionais"

A análise das questões de paz, geoestratégia e relações entre os países a sul do Sahara, causas e subsídios para a resolução de conflitos são aspectos abordados na obra "A Paz e a Guerra nas Relações Internacionais" do diplomata Eduardo Beny, lançada recentemente na União dos Escritores Angolanos (UEA), em Luanda, e no final de Outubro na Universidade Autónoma de Lisboa.

O livro, é uma edição da Novo Emboadeiro, tem IX capítulos nos quais Benny relata a experiência vivida durante o período de gestão do Protocolo de Lusaka, para o estabelecimento da paz em Angola, assinado em 1994 entre o Governo de Angola e a Unita. Nesta incursão ensaísta, Eduardo Beny destaca a forma "suis generis" como os angolanos alcançaram a paz, na sequência dos acontecimentos registados no leste do país, depois da morte de Jonas Savimbi. O autor expõe o registo de algumas ideias e debates propostos por docentes, no curso de pós-graduação em Relações Internacionais Africanas e o Mestrado em Estudo da Paz e da Guerra nas Novas Relações Internacionais, é dada particular importância aos estudos estratégicos dentro das relações internacionais.

O diplomata faz ainda uma abordagem exaustiva à situação na região dos Grandes Lagos na obra são também abordadas realidades como a "Região dos Grandes Lagos", "Economia, recursos e conflitualidade", "A guerra justa, Direito Internacional e Cultura de Paz", "Resolução nos assuntos militares", entre outros.

Segundo Luís Moita, que prefaciou o livro, vice-reitor da Universidade Autónoma de Lisboa, onde o diplomata frequentou de 2004 a 2005 a pós Graduação em Relações Internacionais, em Relações Internacionais Africanas, «uma das principais características do trabalho consiste no facto de, por um lado, recuperar o melhor dos estudos estratégicos, tentando captar as novas maneiras de pensar surgidas pela evolução da realidade. Por outro, mostra como hoje a promoção da paz já não é uma postura humanista ou moralista, mas antes um imperativo que emerge das próprias condições da violência».

Diplomata de carreira, Eduardo Beny é licenciado em Direito e pós graduado em Direito da Comunicação (pelo Instituto Jurídico da Comunicação da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra). Foi segundo secretário da Missão de Angola em Itália (entre 1991 e 1994), director do Gabinete Técnico do Órgão Coordenador do Processo de Paz, onde serviu como coadjuvante do ministro da Administração do Território, Faustino Muteka, e do seu então adjunto, general Higino Carneiro, na gestão do Protocolo de Lusaka. Jornalista dos quadros da Angop e membro da União dos Jornalistas Angolanos (UJA), dirigiu, durante alguns anos, a Delegação Provincial dessa agência em Benguela na qualidade de delegado interino.

Eduardo Beny tem dedicado especial interesse à análise e estudo das questões relacionadas com a África Austral e ao desenvolvimento político e sócio económico dos países do Golfo da Guiné, à questão petrolífera e à presença dos novos actores na região, assunto sobre o qual tem publicado artigos dispersos em jornais angolanos e revistas especializadas.

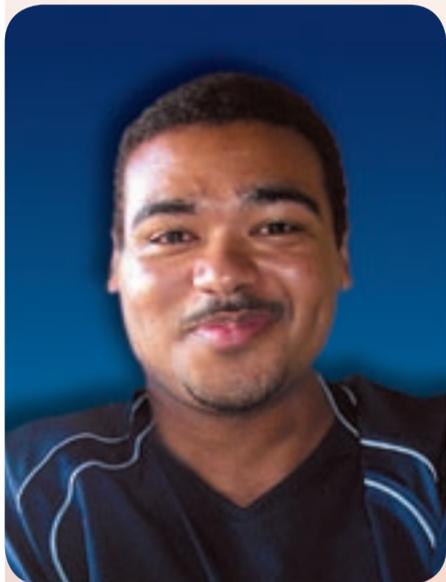
Ainda no âmbito do seu mestrado, Beny prepara uma dissertação sobre "A nova Geoestratégia do Petróleo no Golfo da Guiné - Seus Reflexos nas Relações entre Angola, São Tomé e Príncipe, Nigéria e África do Sul"

MWANGOLÉ

Com a Cabeça Cá

Meio Ambiente em Angola

«É preciso começar a agir já»

Entrevista com **Ludiekueno dos Santos Neves**

Ao pesquisar sobre energias renováveis para sua tese de Mestrado, descobriu a Chaminé Solar e achou-a «muito interessante para Angola. É uma energia totalmente renovável que não produz poluição». Partindo do princípio que os angolanos conhecem a sua realidade melhor do que quem vem de fora, Ludi para os colegas e Degas para a família, analisa na sua dissertação de mestrado as vantagens e desvantagens de várias tecnologias energéticas que, no futuro, poderão ser úteis para Angola.

A primeira verdadeira central do tipo Chaminé Solar será a de Mildura. Está a ser construída numa região semi-árida de nome Tapio Station no sudeste da Austrália e prevê-se que esteja concluída em 2009, com uma capacidade máxima de 200 MW, duração prevista para mais de 50 anos com a produção de energia para 200 mil casas.

É uma nova tentativa de central eléctrica que utiliza a energia solar para produzir electricidade, ao contrário de todas as outras opções em termos de energia solar, pode fornecer energia continuamente e de forma regular, e opostamente à outras tecnologias, não depende da radiação solar directa (dia de céu limpo), por isso consegue produzir energia mesmo em dias nublados e durante a noite.

«O futuro para o sector eléctrico de Angola deve começar a ser pensado já. É uma área que eu gostaria de ajudar a aprofundar. Temos que fazer esses estudos e ver o que nos interessa, não podemos esperar que daqui a alguns anos nos venham dizer: Esta tecnologia é que é boa para vocês». Assim pensa Ludiekueno dos Santos Neves, estudante do ISCTE ((Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, licenciado em Gestão e Engenharia Industrial e futuro Mestre em Gestão de Sistemas Ambientais.



Chaminé Solar

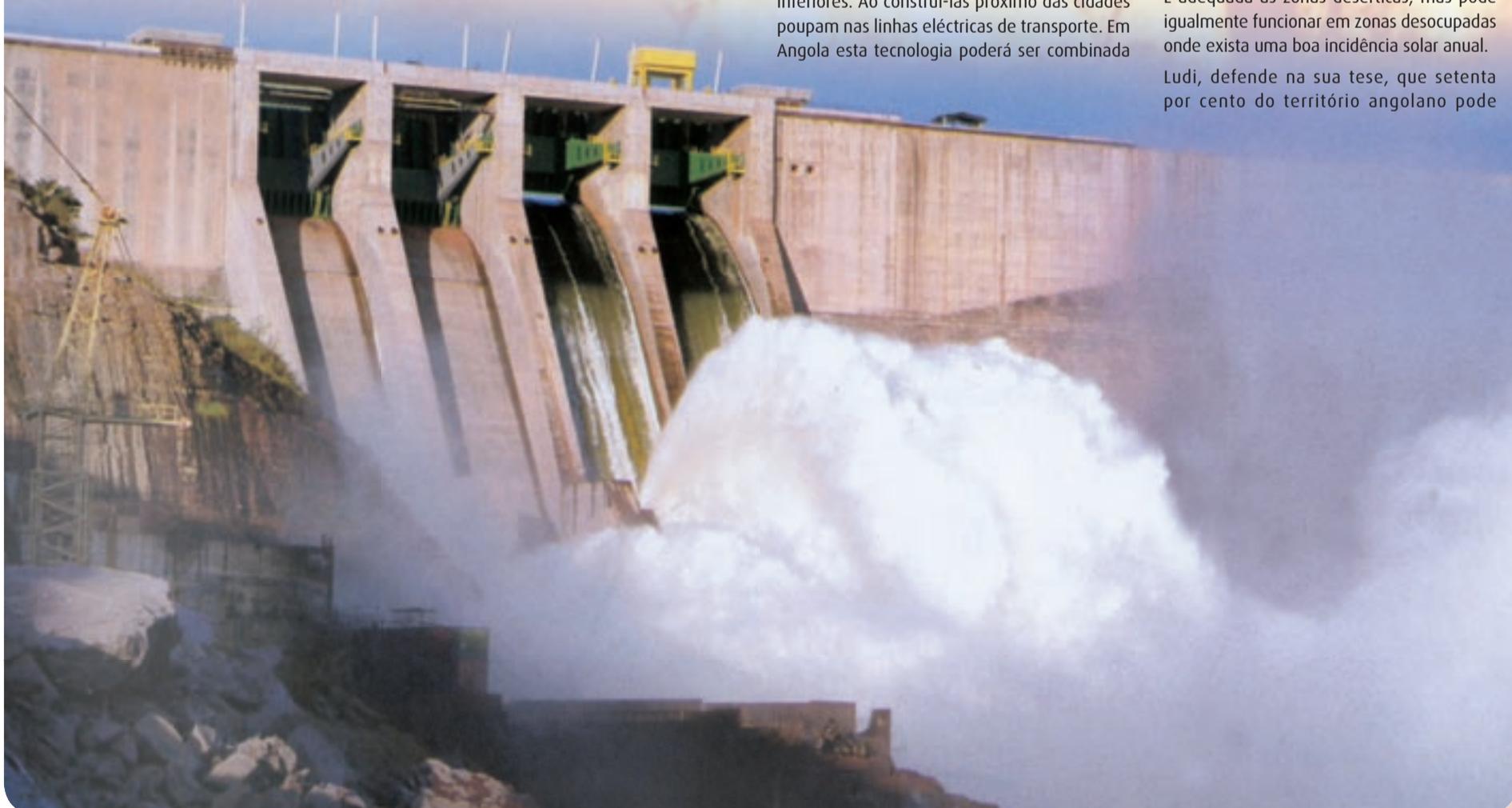
Uma Alternativa para Angola?

Ludiekueno Neves precisa, no seu estudo, que os países em desenvolvimento poderão optar por centrais pequenas ou grandes conforme as zonas e existe a hipótese de fazê-las a custos inferiores. Ao construí-las próximo das cidades poupam nas linhas eléctricas de transporte. Em Angola esta tecnologia poderá ser combinada

com as barragens hidroeléctricas, porque pode produzir energia também em períodos de chuva. Tendo em conta que nos períodos mais secos do ano, é preciso fazer uma melhor gestão dos caudais das barragens.

Esta central requer pouca manutenção, e funciona de forma quase autónoma, sem os habituais problemas de transporte de combustível ou com peças de substituição. É adequada às zonas desérticas, mas pode igualmente funcionar em zonas desocupadas onde exista uma boa incidência solar anual.

Ludi, defende na sua tese, que setenta por cento do território angolano pode





usar Chaminés Solares. Os melhores locais para construção de centrais deste género em Angola são o sudoeste (província do Namibe e a parte oeste das províncias da Huíla e Cunene) ou o extremo sudeste (sul da província do Kuando Kubango) mas, mais de metade do país, incluindo o Kwanza Sul, sul de Malange, sul da Lunda Sul, Moxico, Benguela, Huambo, Bié, Huíla, Cunene e Kuando Kubango têm igualmente características adequadas a esta tecnologia cujos materiais básicos de construção podem em grande parte ser obtidos em Angola, pois são o cimento, vidro e/ou plástico e aço.

Por outro lado o espaço ocupado para a estufa da central pode ser aproveitado para a agricultura. «Assim podem-se também criar empregos nas zonas rurais e evitar a tendência das pessoas irem para as cidades a procura de empregos» refere Ludiekueno Neves, acrescentando que esta central poderá garantir mais energia do que outras fontes renováveis, a energia eólica por exemplo, apenas garante, em média, 8 horas de energia por dia. «É certo que a Chaminé Solar é algo ainda novo, sujeito a estudos e por enquanto ainda custa muito dinheiro, mas por isso é que temos que ir acompanhando e não perder de vista a hipótese de a vir a usar».

Angola antes e depois

Ludiekueno teve uma média final de licenciatura de quinze valores (uma média acima das consideradas altas no seu curso). De volta ao país, espera poder contribuir para gerir questões de impacto ambiental provavelmente na área dos petróleos onde «o derrame pode provocar consequências graves. Em Angola como os poços de petróleo estão no alto mar, poderá ser mais difícil saber se ocorreu algum acidente».

Questionado sobre a possibilidade de não regressar se tiver propostas de trabalho afirma «Sempre quis voltar para Angola e

por isso nunca procurei emprego aqui em Portugal, sei que o mercado português presta muita atenção as médias finais dos candidatos, mas por vezes pode ser complicado para pessoas com formação a nível de mestrado encontrar emprego. Portugal é um país relativamente pequeno, que tem também os seus problemas. Estamos agora a ver o caso dos incêndios.

O que motivou Ludi para a área do ambiente foi ter tomado consciência da urgência de fazer já. Podemos evitar muitos erros se começarmos a preocuparmo-nos com o ambiente agora, foi o que me levou a querer saber mais sobre a energia, o ambiente e a gestão dessas duas partes. Os preços do petróleo estão a subir cada vez mais, temos que pensar em formas de energia mais barata, se o fizermos podemos usar menos petróleo internamente e, vender mais. É preciso começar a olhar para as soluções em termos ambientais, «porque exigem muitos estudos e uma planificação correcta. Devemos preocupar-nos já com o que nos interessa».

Actualmente a maior parte da energia angolana é produzida por barragens hidroeléctricas, mas há que ter em conta as alturas de seca e o facto dos ambientalistas também não considerarem as barragens uma forma de energia limpa, podem provocar muitos danos nas zonas onde estão, os peixes deixam de poder circular pelo rio, as plantas de que esses peixes precisam também são afectadas. O ideal é mesmo recorrer a diversas formas de energia para minimizar os impactos.

Angola, diz o nosso entrevistado, é um país privilegiado até nesse aspecto «quase todas as formas de energia podem ser usadas em Angola, por exemplo, em algumas áreas foram encontrados vestígios de urânio, se forem estudados, e forem minas grandes, deixam-nos a hipótese de recorrer à energia nuclear. Teremos que formar pessoas nessas tecnologias».

MWANGOLÉ



Mais acesso ao sinal da TPA

O director-geral da Televisão Pública de Angola (TPA), Carlos Cunha, anunciou, em Luanda, que uma das principais apostas da empresa, até finais de 2006, é a extensão do sinal televisivo a mais 60 localidades do país.

Por ocasião das comemorações do 30º aniversário deste órgão de comunicação social, Carlos Cunha referiu que no projecto serão priorizadas as regiões de acordo com a sua importância socio-económica e política.

Outra aposta da empresa é o incremento de programas de produção nacional como seriados e telenovelas, que não têm tido continuidade, por falta de condições. O director manifestou o desejo de «dentro de dois ou três anos substituir a telenovela principal brasileira por uma de produção nacional», e informou que serão introduzidos na TPA, um conjunto de serviços ligados às novas tecnologias, com vista a fazer face à concorrência que se avizinha. MWANGOLÉ



Telecomunicações em desenvolvimento

A Comissão Permanente do Conselho de Ministros, reunida sob orientação do Presidente da República, José Eduardo dos Santos, aprovou, em Luanda, um projecto sobre o Livro Branco, referente à política das Telecomunicações em Angola, nomeadamente ao desenvolvimento da Rede Básica, de forma a que dentro de três a quatro anos, as comunicações cheguem a todas as regiões do país. Esta tarefa, segundo o ministro dos Correios e Telecomunicações, Licínio Tavares, está orçada em quatrocentos milhões de dólares. O ministro, sublinhou a importância das Telecomunicações no momento que se vive actualmente em Angola.

MWANGOLÉ

Chevron oferece empregos para angolanos com formação

O departamento de finanças da Chevron possui várias vagas no seu quadro orgânico e pretende recrutar de imediato angolanos formados no ramo de Economia, Finanças ou contabilidade, que estejam interessados em integrar o departamento.



A Chevron, empresa multinacional vocacionada para a indústria petrolífera e gás natural, opera em vários países do mundo e integra uma força de trabalho multicultural e bastante diversa. A Cabinda Gulf Oil Company – CABGOC, é a subsidiária da Chevron em Angola, com sede em Luanda, e é operadora dos blocos zero, 2 e 14 em águas rasas e profundas na costa angolana.

Com o intuito de prosseguir com a sua política de angolanação da força de trabalho da empresa, a CABGOC procura angolanos a residir ou a estudar em qualquer parte do mundo, procurando neles um potencial que venha a acrescentar valor no seu desempenho.

Os candidatos deverão enviar o seu Curriculum Vitae pelo correio, fax ou mail para o seguinte endereço; ppsa@chevron.com. A Chevron solicita ainda, que se inscrevam apenas aqueles que já tenham terminado os cursos ou estejam no penúltimo e último anos de formação.

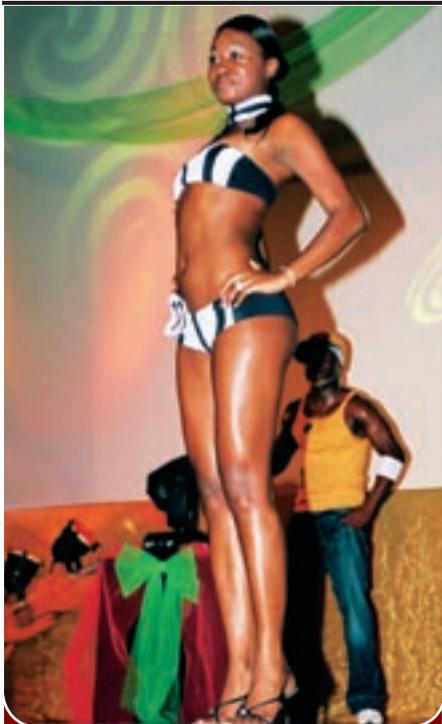
83 milhões de dólares para Hospitais e Centros de Saúde

O Governo de Angola aprovou recentemente um contrato, no valor equivalente a 55.583.184,00 dólares, destinado à construção de seis hospitais municipais, nas províncias do Huambo, Benguela, Kwanza-Sul, Kwanza-Norte, Huíla e Namibe.

O acordo foi celebrado entre o Ministério da Saúde e a empresa CAMCO-Internacional. Estas mesmas entidades, rubricaram um segundo acordo avaliado em Kwanza a 28.024.339.00 dólares, com vista a construção de sete centros de saúde, em quatro províncias, nomeadamente: um no Huambo, e dois em Benguela, Huíla e Kwanza-Norte.

MWANGOLÉ





Noelma Costa:

"No meu mandato quero assumir um papel mais activo no combate à droga e ao SIDA"

Noelma Costa eleita Miss Angola 2005 em Portugal, disse em entrevista ao Jornal Mwangolé, que durante o seu mandato dará uma especial atenção às campanhas de sensibilização de combate à droga e na prevenção ao SIDA.

A recém eleita miss, disse esperar apoios da parte de várias entidades e instituições, designadamente empresas portuguesas que trabalham em Angola, para ajudar essas campanhas, bem como acções filantrópicas em prol dos mais carenciados e pretende igualmente trabalhar na promoção da cultura angolana.

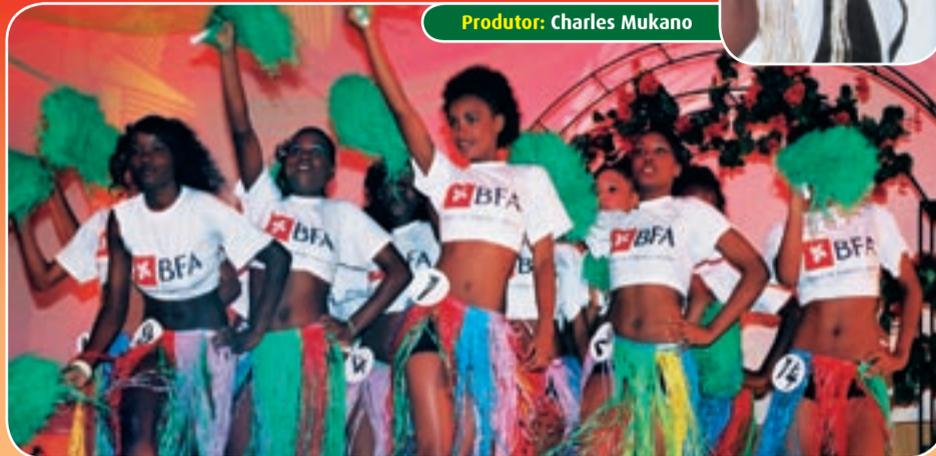
Noelma Costa que é aluna de Comunicação Social considerou que é necessário desmistificar a ideia que uma miss só vale pela sua beleza, quando no fundo há que valorizar outros valores ligados a sensibilidade humana e a dignidade da própria mulher. "É necessário que possamos transportar os concursos de miss para acções que promovam e dignifiquem a mulher em prol do desenvolvimento social".

Noelma que estará no mês de Dezembro em Luanda para participar no concurso Miss Angola, fará nessa ocasião a entrega de material escolar recolhidos durante a Gala em Lisboa, à uma instituição de caridade.

Miss Angola em Portugal

A Mukanu's Produções realizou este ano a terceira edição da Gala Miss Angola em Portugal, dia 30 de Setembro no Fórum Lisboa, com a participação de 18 candidatas.

Produtor: Charles Mukano



Noelma Costa de 19 anos, estudante do primeiro ano de Comunicação, foi eleita Miss Angola em Portugal. Milda Eduardo miss simpatia e Patrícia Mendes miss comunicação. A faixa de primeira dama de honor foi para Luísa Costa, enquanto Jessica Neto, foi indicada para segunda dama de honor. As seis finalistas foram Patrícia Mendes, Noelma Costa, Luísa Costa, Jessica Neto, Milda Eduardo e Eria Bolonha.

Segundo o produtor da gala, Charles Mukano, este ano o concurso teve tanto êxito quanto no anos anteriores. «A maioria das pessoas concordou com a escolha de Noelma Costa para representar a diáspora em Portugal».

O tema do evento foi "Angola em desenvolvimento - educação e saúde, tendo a produção solicitado a todos que se associassem ao evento com um donativo "material escolar"



Apresentadores: Carla Leão e Hoji Fortuna



O famoso designer Agustus, padrinho do concurso e membro do júri

que será entregue em Luanda ao Comité Miss Angola, que deverá encaminhar para uma instituição angolana de caridade, em nome do Comité Miss Angola Portugal.

O evento que teve também a finalidade de chamar a atenção do público para um flagelo que devasta o continente africano "o sida", foi transmitido pela RTP -África.

MWANGOLÉ

Quatro novos mercados para Luanda

Quatro novos e modernos mercados municipais serão construídos, a partir deste ano, na província de Luanda, capital de Angola, num investimento do Governo, avaliado em três milhões e duzentos mil dólares.

O contrato de construção dos quatro mercados municipais, nomeadamente Asa Branca (município do Cazenga), Vidrul (Cacuaco), Palanca (Kilamba-Kiaxi) e Benfica (Samba), foi assinado entre o Governo Provincial de Luanda (GPL) e a empresa chinesa "China Jiangsu Internacional Sucursal".

No acto de assinatura, o director do Gabinete de Estudos, Planeamento e Estatística, se pretende maior segurança e higiene para os vendedores e os seus produtos. Explicou que os mercados possuirão câmaras frigoríficas

e armazéns, bem como infra-estruturas de apoio ao seu funcionamento.

Por parte do Estado chinês, o director-geral adjunto da empreiteira "China Jiangsu Internacional Sucursal", disse que as obras a ter início antes do fim deste ano observarão normas reconhecidas internacionalmente e, alargarão a capacidade dos estabelecimentos comerciais de dois para cinco mil lugares. Segundo a Angop, o contrato faz parte de um programa do GPL, no quadro de um projecto que visa recuperar todas as estruturas do género existentes na cidade capital.

MWANGOLÉ



Angola e Portugal cooperam no ensino

As Faculdades de Medicina da Universidade Agostinho Neto (UAN) e da Universidade do Porto, assinaram, em Luanda, um acordo de cooperação bilateral nas áreas de pré e pós-graduações, mestrados e doutoramento em medicina.

João Teta, reitor da UAN, considerou que se pretende aumentar a qualidade da universidade angolana. O acordo tem como objectivo alcançar níveis e indicadores de qualidade idênticos aos da Faculdade de Medicina do Porto. O reitor enalteceu o apoio prestado pelas universidades portuguesas.

Por outro lado, a recém-criada editora angolana Plural Editores, que tem como principal accionista o grupo português Porto Editora, foi apresentada oficialmente em Luanda, assumindo uma especial vocação na área da educação.

«A nossa intenção é produzir edições para o mercado local, especialmente ao nível dos manuais escolares, no âmbito da reforma educativa que o governo angolano está a implementar», afirmou Filipe Marinho, responsável da nova editora. A nova editora, que tem como lema «Especialistas em Educação», é uma empresa de direito angolano em que o grupo português Porto Editora possui uma participação de 49 por cento no capital, estando os restantes 51 por cento distribuídos por vários accionistas angolanos. Segundo Filipe Marinho, além da aposta no mercado dos manuais escolares, a Plural Editores pretende também lançar brevemente no mercado angolano uma colecção de dicionários especificamente vocacionados para este país. Na opinião de Filipe Marinho, a criação da Plural Editores é uma evolução natural da forte presença que a Porto Editora mantém há várias décadas em Angola.

MWANGOLÉ

Delegação parlamentar no Brasil para se inteirar da situação de angolanos presos

Uma delegação parlamentar afecta à Comissão dos Direitos Humanos da Assembleia Nacional (AN) esteve no Brasil, para se inteirar, em São Paulo e no Rio de Janeiro, da situação de cidadãos angolanos presos naquele país. O chefe da delegação, o deputado Agostinho Ramos informou à Angop que a delegação se inteirou do estado dos angolanos detidos naquele país, uma vez que São Paulo e Rio de Janeiro albergam uma grande comunidade de angolanos, o que levou à realização da visita. A comitiva que integrou ainda Domingos Mutaleno, Bernarda da Silva, António Cambinda, do MPLA, e Xavier Rodrigues Kalivangue, da Unita, assim como, António Gaspar Fernandes, da Direcção dos Serviços Penitenciários do Ministério do Interior, esteve no Brasil durante 15 dias.

MWANGOLÉ



Serviços Prisionais projectam qualidade

Os Serviços Prisionais elevarão, nos próximos tempos, o seu nível de trabalho, para dignificação da justiça, tendo sempre presente o respeito pelos direitos humanos dos reclusos, disse em Luanda, o ministro do Interior Osvaldo Serra Van-Dunem, durante a inauguração do Campo Prisional Agrícola de Kakila, localizado na comuna de Calumbo, município de Viana, à cerca de 50 quilómetros da cidade de Luanda. O projecto foi concebido para resolver o problema da superlotação das cadeias do país, mas também para o incremento da actividade agrícola, que vai servir de auto-subsistência alimentar dos próprios reclusos. O excedente de produtos agrícolas será canalizado para as outras unidades e comercializado. Serra Van-Dunem sublinhou que o seu pelouro está preocupado com a melhoria das condições de habitabilidade dos reclusos e a inserção destes no trabalho socialmente útil.

O ministro anunciou para breve a abertura da Cadeia de Viana (Luanda), onde há boas condições de habitabilidade para os reclusos, e também possibilidades de formação académica e em artes e ofícios. Tais acções vão estender-se às províncias, «daremos prioridade onde houver maior necessidade» disse Serra Van-Dunem. Com capacidade para albergar 80 reclusos, a unidade agrícola de Kakila compreende um perímetro de 50 hectares de terra arável. O projecto, orçado em 850 mil dólares norte-americanos, foi patrocinado pela Sonangol e edificado pela empresa de construção civil portuguesa ACTIPRÉ. A Direcção Nacional dos Serviços Prisionais (DNSP), órgão afecto ao Ministério do Interior, controla oito mil e 159 reclusos, dois mil e setenta e sete dos quais estão em Luanda.

MWANGOLÉ

Milhões

para a reconstrução de Estradas

O Governo angolano aprovou um Programa Executivo de Reabilitação de Estradas Nacionais da Rede Fundamental, no período 2005/2006, orçado em 190 milhões de dólares. O Ministro das Obras Públicas, Higinio Carneiro, disse aos jornalistas, que o programa deverá ser realizado num "período de dois anos, e visa intervir em cerca de mil e duzentos quilómetros, sobretudo em eixos rodoviários de importância económica e a sua execução estará a cargo do Instituto Nacional de Estradas de Angola (INEA).

No acto da adjudicação da empreitada de reabilitação de 23 quilómetros de estrada, que liga a cidade do Huambo à Caála, à construtora Monte e Monte, o governante adiantou que se prevê para breve a reabilitação do troço que liga a cidade do Huambo à localidade da Chianga.

Por outro lado, as obras da estrada Benguela/Lobito, numa extensão de 26 quilómetros. Foram adjudicadas pelo INEA à construtora portuguesa Mota Engil, com a fiscalização do consórcio de empresas Africon Gaben-bks.

As obras de reparação da estrada Kifangondo/Caxito/Ucuu/Uíge/Negage, numa extensão de 371 quilómetros, foram adjudicadas a empresa chinesa Roads And Bridges Corporation (CRBC). O projecto que comporta a construção de 12 pontes e passagens hidráulicas terá como entidade fiscalizadora uma empresa alemã, começará logo após a desmatação, e será financiado pelo Eximbank da China (Banco de Exportação e Importação). Só no troço Viana-Maria Teresa (Luanda-Bengo), serão investidos pelo Governo vinte milhões de dólares na reabilitação de 91 quilómetros.

Por outro lado, o governo aprovou o Programa de Construção da Rodoviária da Boavista, localizada na capital do país, bem como os contratos para a reabilitação das vias Kifangondo/Catete, províncias de Luanda e do Bengo. A reabilitação dos troços entre o Lobito e Benguela, Ondjiva-Humbe, assim como entre o Sumbe-Quibala e Waco-Kungo, localizados nas províncias de Benguela, Cunene e do Kwanza-Sul, foram igualmente aprovados. As obras orçadas em 150 milhões de dólares, segundo o ministro Higinio Carneiro indicam que o governo está a trabalhar na abrangência, e não está apenas a privilegiar Luanda, como capital, mas está a trabalhar em todo o território nacional".

Por outro lado, o INEA montou quatro pontes metálicas sobre os rios Lutete (Kwanza-Norte), Chicanda (Huambo), Juvaca e Kunje no (Bié). A construção da ponte definitiva sobre o rio Cavaco foi inaugurada pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos enquanto a ponte sobre o Rio Luwé Grande, foi igualmente inaugurada recentemente. Na inauguração o governador Pedro Sebastião salientou a importância da estrutura metálica com 18 metros de comprimento e 4,10 de largura na ligação dos municípios do Tomboko e Nôqui, e à região do Baixo Congo. **MWANGOLÉ**

Movicel estende-se a todo país

A empresa de telefonia móvel da rede 912, Movicel, investiu, nos últimos três anos, cerca de 185 milhões de dólares na instalação de plataformas de rede que permitem oferecer serviços de voz, dados e multimédia em todo o país.

A informação avançada em conferência de imprensa, em Luanda, pelo director executivo da operadora, Francisco Basílio. Luanda, Bengo, Kwanza-Norte, Cabinda, Benguela, Huíla e Namibe beneficiam já das vantagens da tecnologia CDMA-2000-1X. A Movicel anunciou que brevemente as lojas da Movicel no Lubango e Namibe serão renovadas ampliando os seus serviços e melhorando as condições de atendimento. Com a nova tecnologia a Movicel, vai cobrir 15 províncias. Destas, apenas nove terão de imediato uma representação da empresa. Em meados de Setembro a operadora lançou uma campanha de venda de telemóveis para aumentar o acesso aos móveis e contribuir para a redução dos roubos de telemóveis. Para além do valor inicial, de 59 e 109 dólares, o cliente deverá pagar mais 60 dólares em seis prestações, durante seis meses, através do recarregamento do seu telemóvel. Com esta campanha, denominada "Arreio Arreio", a Movicel espera registar mais 80 mil clientes até o final deste ano. Francisco Basílio reiterou a aposta da Movicel em estar presente nas 18 províncias ainda este ano. A Movicel foi a primeira a oferecer as vantagens das telecomunicações móveis em Angola. Com o lançamento do serviço Movinet, tornou-se também a primeira a oferecer o acesso à Internet em alta velocidade através do telemóvel. **MWANGOLÉ**



TAAG Renova Frota e vende Bilhetes no Multicaixa



A companhia aérea angolana TAAG vai receber em Julho de 2006 os primeiros dois aviões de um total de seis comprados ao construtor norte-americano Boeing para renovar a sua frota, anunciou uma fonte da empresa.

Os dois primeiros aviões adquiridos, um do modelo 737-700 e outro do modelo 777-200R chegarão em Julho de 2006 e «devem já estar pintados com as novas cores e o novo logótipo da TAAG que manterá os principais elementos de identificação», afirmou Anastácio Fernandes, chefe do gabinete de comunicação e imagem da TAAG à Lusa.

Por outro lado, os clientes da Transportadora Aérea Angolana (TAAG) podem já comprar bilhetes de passagem, nacionais e internacionais, através de cartões multicaixa. O novo serviço, disponível nos multicaixas, em quatro lojas da TAAG e no Terminal de Carga do aeroporto internacional, permite ao cliente escolher a tarifa e com o recibo dirigir-se a um balcão para emissão do bilhete de passagem. **MWANGOLÉ**

Endiama inaugurou fábrica de lapidação e vai erguer "Hotel Diamante"

A primeira fábrica de lapidação de diamantes de Angola, foi inaugurada em Luanda pelo Presidente da República José Eduardo dos Santos. A fábrica denominada *Polishing - Baymong, S.A.*, terá uma capacidade de processamento avaliada em 20 milhões de dólares por mês.

A unidade transformadora que significou um investimento de 10 milhões de dólares tem 600 trabalhadores, estando já neste momento cerca de 40 futuros lapidadores a frequentar um curso na República da Namíbia. Tido como um dos projectos mais ambiciosos da indústria diamantífera no país, a fábrica de lapidação nasce de uma parceria entre a Sociedade de Comercialização de Diamantes de Angola, SODIAM, a LLD Diamonds e um consórcio angolano. A fábrica permitirá à Endiama, que é a principal accionista da SODIAM, ver aumentada o seu ciclo de comercialização de diamantes numa ordem acima de 60 por cento. Em 2004,



a Endiama atingiu um volume de exportação de seis milhões, 63 mil e 732 quilates de diamantes, avaliados em 763 milhões, 665 mil dólares. Por outro lado, o Conselho de Ministros autorizou recentemente a Endiama a investir na construção de uma unidade hoteleira de quatro estrelas, denominada "Hotel Diamante", no edifício inacabado junto do Porto de Luanda. Para este efeito, a empresa foi autorizada a negociar o contrato de financiamento com a Empresa Chinesa Internacional Found para a construção do referido hotel, segundo refere um comunicado da reunião orientada pelo Presidente da República, José Eduardo dos Santos. **MWANGOLÉ**

Mais Petróleo Até 2010

Workshop • A BP e seus parceiros

A produção de petróleo, no país, da companhia BP Angola atingirá, até ao ano 2010, os 400 mil barris por dia, altura em que os investimentos da multinacional ascenderão os oito biliões de dólares.

A informação foi dada pelo presidente da companhia no país, José Patrício, à margem de um workshop sobre a relação da empresa com outros parceiros económicos e sociais.

A BP Angola atingirá esta cifra, fruto da entrada em produção, em 2007, do bloco 18 e, em 2009, do bloco 31, onde a companhia é operadora, bem como da sua participação nos blocos 15 e 17, já em produção, operados pela ExxoMobil e Total.

Afirmando ser a BP um parceiro estratégico de longo prazo do Estado angolano, José Patrício disse estar em desenvolvimento, em parceria com a Sonangol, um programa consubstanciado na produção, no país, de parte dos equipamentos modernos para o apoio a extracção de petróleo em Angola. Frisou que o programa visa essencialmente reduzir os custos de exploração, aumentar a capacidade de geração de emprego e consequentemente criar riqueza nacional.

Considerou que a expansão da indústria petrolífera no país deve ser reflectida na capacidade das empresas nacionais terem

uma participação cada vez maior no processo de pesquisa, produção e apoio às actividades petrolíferas.

De acordo com José Patrício, parte dos equipamentos que servirão de suporte a actividade nos blocos 18, 31 e outros, é já produzido no país nos estaleiros da Sonamet (Lobito) e Sonils, em Luanda, o que «é um bom indicador de que Angola possui alguma capacidade tecnológica». Por seu turno, o director para África e Médio Oriente da companhia internacional de energia IHS, Andrew Hayman considerou que a produção de petróleo em Angola, estimada actualmente em 1.1 milhão de barris por dia, atingirá até 2010 os dois milhões de barris/dia.

Em declarações à ANGOP, o responsável frisou que nos próximos 25 anos Angola será um grande fornecedor de petróleo para países como os Estados Unidos e China. Baseando-se em dados fornecidos pela Sonangol e pelas multinacionais petrolíferas que operam no país, bem como em pesquisas realizadas pela sua companhia Andrew sublinhou que a África produziu, em 2004, uma média de 9.3 milhões de barris/dia, cifra que poderá aumentar tendo em conta que novos países entraram para o clube dos produtores. **MWANGOLÉ**



Escolhi a música por paixão

«É preciso apoiar directamente a cultura e fazer funcionar os artistas a tempo inteiro». Esta é a opinião do músico angolano João Oliveira. Veio para Lisboa a fim de concretizar o seu projecto e está há mais de dois anos "bulindo" como músico não só em Portugal.

MWANGOLÉ • Estudaste música em Luanda?

JOÃO OLIVEIRA • Sempre, com algumas interrupções tropa, estágios. Lá não tínhamos o curso completo, não conseguí beneficiar de bolsas.

M • És auto didacta, foi complicado seguir música atendendo às especificidades do mercado?

JO • Fiz a parte clássica na escola e segui sozinho. As vezes as pessoas perguntam: E para além da música, fazes o quê? Eu acho que não tenho que fazer mais nada além da música. Poderia ser engenheiro ou ter um curso militar, mas a partir de certa altura optei, porque sei o que quero, defini metas e espero alcançá-las. Na vida não se faz nada sem paixão, mas quem faz com uma grande carga de trabalho e paixão, tem que seguir.

M • Não tem volta?

JO • É uma opção e temos que estar prontos para assumir os riscos, as dificuldades e sacrifícios. A base da minha formação é o clássico mas a dada altura percebi que é possível combinar a técnica que se absorve com o clássico para trabalhar os nossos ritmos, é uma forma de universalizar a nossa música. Despertei nesse sentido, e mesmo não tendo conhecimento do que acontecia pelo mundo a nível da música, venho trabalhando desde muito cedo nessa vertente.

M • Tocas piano, e que outros instrumentos?

JO • Estudei guitarra/violão, saxofone e violino, para ter contacto, porque a minha onda como se diz, o que gosto mesmo de fazer são arranjos e compor, sinto-me compositor acima de tudo, por isso estudei esses instrumentos para ter uma noção de como usa-los ao fazer arranjos. O que toco neste momento é o piano acústico.

M • Fazes kizomba, Kuduro?

JO • É possível em termos harmónicos, fazer frases rítmicas e tocar melodias, mas obtêm-se uma cor diferente, não é o mesmo que tocarmos com um sintetizador que já tem uma série de sons incorporados, como flautas, violinos, marimbas.



João Oliveira*

M • Em Portugal aparece trabalho para um músico de Angola?

JO • Toco num grupo de salsa que é o "Cuba Livre" no Casino Estoril, estou a substituir há dois anos um pianista, nesse grupo também há angolanos que estão cá há muitos anos como o Zezé Ngambi, o Carlos Sanches, o Kai-pas. Eles têm um projecto de música angolana, que é "A Malta da Paracuca", convidaram-me para participar, temos inclusive um disco feito, que se chama "Muitos Tempos", ainda não foi lançado.

Também sou pianista das classes de dança contemporânea na Faculdade de Motricidade Humana. Toquei uns 15 dias com a orquestra do Casino em substituição de um pianista, foi uma experiência muito boa, gostei muito. E trabalho no meu projecto.

M • O que é o teu projecto?

JO • É fusão, trabalho com coisas da terra, kilapangas, massembas, coisas étnicas, misturo um bocado, devido

à influência do clássico, e do jazz de que também gosto, mas com muitos ritmos tradicionais. Acho que devemos trabalhar com o objectivo de levar a música angolana aos 4 cantos do mundo e isso é um grande desafio, porque não existem produtores, nem pessoas independentes que penetrem no mundo do espectáculo. Sei que têm ido vários artistas angolanos para a Expo no Japão, que tem sido um sucesso, têm que ocorrer muitas mais experiências dessas porque Angola está muito dissociada dos PALOP em termos de promoção e divulgação da música, e quem diz música diz e noutras vertentes da cultura em que temos valores excelentes.

M • Não é possível produzir música em Angola?

JO • Até há alguns anos atrás as pessoas habituaram-se a um tipo de comportamento em que tudo era associado ao Estado, as coisas mudaram de repente. Penso que se deve dar agora abertura a promotores e criadores de espectáculos e deixarem os músicos trilhar a sua estrada. Os produtores vão ganhar dinheiro mas vão ajudar o mundo artístico a crescer levando os artistas ao mundo.

Alguns cantores queixam-se de que os técnicos não sabem usar os equipamentos que existem nos poucos estúdios já montados em Angola.

Sem menosprezar ninguém acho que é uma verdade, salvo excepções, acho que os técnicos, antes têm que ser músicos, pode-se saber mexer nas máquinas, ter noção dos níveis, mas se não se tiver a alma de músico, pode-se até captar o som, mas depois vai ter que se misturar e se o técnico não é capaz de sentir o que o músico pede comecem os atritos.

M • E com a "Malta da Paracuca" qual é a "onda"?

JO • É o renovar das estruturas harmónicas de temas angolanos antigos, com



Projecto N' Golajazz

uma linguagem mais moderna, mais suave. O disco está muito bom, agora vamos entrar noutra fase que são temas de música angolana originais, do Carlos Sanches, do Galeano Neto meus também, mas dentro da mesma linha calminha saborosa, acústica sem coisas electrónicas.

M • Onde é que trabalhas? É algo para "ir levando" ou é a sério mesmo?

JO • Trabalhamos em casa de um amigo, as vezes alugamos estúdios. Tal como eu estou na luta para realizar o meu projecto também eles estão a bater portas, porque são músicos há muitos anos e trabalham nisso, mas o mercado em Portugal não é muito aberto. Acho que as políticas culturais são deficientes mesmo a nível da cultura portuguesa, e dar vazão a outras culturas é mais complicado ainda, quase não há espaços para se tocar. Também precisamos de um agente isso funciona com corredores e circuitos. Agora temos uma agente, a Kieza Santos dispôs-se a ajudar-nos nesse aspecto da produção e promoção, penso que será uma mais valia para nós.

M • O que achas do actual mercado da música em Angola?

JO • Acho que a concepção de música que se está a viver em Angola é um bocado complicada. É certo que devemos respeitar e valorizar todas as vertentes musicais, mas está-se a criar um padrão que tem representado a música de Angola que não é bem de facto a nossa música. Tirando os mais velhos, o Betinho, o Bangão, a Banda Maravilha, a Movimento, que faz música popular angolana, o Mito Gaspar, acho que se devia abrir um bocado mais o leque e incentivar os artistas a produzir mais e darem outros requisitos à música, mas pela positiva.

Muitas vezes vou para fora de Lisboa e as pessoas dizem-me olha temos aqui música angolana, convidam-nos a ouvir aqueles kuduros malucos com uns textos terríveis, acho que o Ministério, os músicos e a comunidade deviam prestar mais atenção a isso, é um retrocesso. Não podemos anular a música original de Angola em prol dessa música, mais comercial, mas sem conteúdo. Não podemos apenas considerar que isso é que é bom, e representa Angola, quando há gente a trabalhar em coisas bem mais sérias, que é posta de parte. Temos muito que falar sobre isso. Há pessoas que escrevem, versos e poesia, já que os miúdos estão a cantar e têm essa capacidade, têm esse ritmo envolvente que arrasta multidões, que haja quem escreva coisas com sentido, passando mensagens positivas, porque a função do artista também é educar.

M • Vais ficando por Lisboa?

JO • Estou agora a tentar patrocínios para entrar em estúdio e pagar músicos, para fazer o meu projecto. Aqui as coisas não funcionam como na terra, e a minha música não é simples, requer trabalho. Estou a espera de ter garantias de poder pagá-los. É um trabalho de grande responsabilidade e vai levar um tempo. Também tem aparecido trabalho fora de Portugal, é uma questão de planificar bem as coisas, definir prioridades, não posso deixar para trás o meu projecto, há que conciliar todas essas coisas boas que estão a aparecer, isso faz com que tenha que ficar mais tempo por aqui.

M • É possível definir os ritmos genuínos de Angola?

JO • A kilapanga, a massemba, o tchisochi, a kazukuta, temos que definir, haverá espaço para outras coisas, mas é preciso definir. Como os cubanos tocam salsa, os zairenses kwassa kwassa, o cabo-verdiano as mornas e coladeras, os americanos tocam funk, jazz, os europeus o clássico e os pops, acho que é uma questão de identidade cultural, que é importante fazer respeitar, no sentido de divulgar os valores culturais da terra.

M • E Portugal tem abertura, sensibilidade para a música africana, o Portugal mais jovem?

JO • Bem, já me foi dito por um professor que a música africana não se escreve. Há que rever isso. É música com uma estrutura rítmica como outra qualquer e tem as suas características próprias, dá algum trabalho porque é muito sincopada e não é fácil para aos europeus sentirem as nossas métricas, são geralmente valores irregulares, não são tempos completos como na música europeia. Isso torna as coisas um bocado mais complexas.

Os músicos portugueses mais aplicados e mais atentos preocupam-se em aprender a rítmica e linguagem africana, é uma forma de enriquecerem o seu próprio trabalho, e nós africanos é que temos perdido quando os europeus pegam nas coisas africanas e trabalham e dão valor, enquanto nós temos tudo para fazer as coisas não as fazemos. É uma questão pertinente.

Também há quem rejeite por não assumir a ausência de compatibilidade, com valores que não percebe, não consegue interpretar, e de certa forma reprova. No geral o músico português não está aberto à nossa música, não a quer absorver, talvez por uma questão cultural, não lhes diz nada. Alguns sim, mas muito poucos.

MWANGOLÉ

* Telm.: 968 317 303
E-mail: ngolajazz@netscape.net



Malta da Paracuca

Artes Angolanas

na Expo-Japão 2004



O governo, disponibilizou verbas e condições para levar um grande elenco de artistas à Exposição Mundial, EXPO-Japão 2004, que encerrou em Tóquio em Setembro. À conversa com o Secretário Geral da União Nacional de Artistas Plásticos (UNAP), "Mwangolé" inteirou-se do rumo que seguem as artes plásticas em Angola, e do que se pretende para a UNAP, cinco meses depois da eleição da sua nova direcção.

À semelhança do que aconteceu nas anteriores Exposições mundiais, a Expo-Japão 2004 foi uma oportunidade que Angola não desperdiçou para participar, trocar experiências, e mostrar as suas potencialidades. A música, dança, artes plásticas, moda, marcaram presença no Japão.

Para o secretário geral da UNAP, (União Nacional dos Artistas Plásticos) Francisco Van-Dunem, que esteve representando Angola na Expo-Sevilha 1992 e Expo-Lisboa 1998, o evento recentemente encerrado em Tóquio «quanto à organização e quanto ao aparato em termos de desenvolvimento tecnológico foi o melhor conseguido».

O número de angolanos que esteve na Expo Japão 2004 foi elevado, mas, em termos organizativos. Van, considerou que a participação de Angola podia ter sido melhor. «Algumas coisas foram melhor realizadas nos eventos anteriores e devia ser ao contrário, mas são questões a dialogar. Por exemplo, o domínio específico em cada área deve ser levado em conta, é preciso chamar os especialistas de cada área antes da concretização dos trabalhos de qualquer modo, a nossa participação foi positiva».

O dia de Angola, na EXPO-2004 foi um momento alto da presença angolana no Japão. Após a intervenção do primeiro ministro angolano Fernando da Piedade "Nandó", responsáveis



da EXPO pronunciaram-se sobre Angola, que para culminar realizou um grandioso espectáculo musical cultural. A Mostra de artes plásticas "Arte Contemporânea de Angola" enquadrou-se no dia de Angola.

Segundo Van, um dos critérios da selecção, a cargo de um colégio da UNAP, foi dar oportunidade a artistas que não têm participado em grandes certames «é importante que outros artistas possam ganhar experiência e quisemos privilegiar as diferentes faixas etárias».



Artes Plásticas angolanas no Japão

"Angola Rumo ao Modernismo", foi o tema que serviu de móbil de inspiração para a selecção dos trabalhos nuns casos, e execução noutros. A participação angolana conta com obras de 11 artistas plásticos, entre pintores, escultores e tecelãs. Eis os seus nomes: Eleutério Sanches,



Marcela Costa, Odaly, Délio Baptista, Fineza Teta, José Francisco, Gongga, Luandino de Carvalho, Mayembe, Tozé, Viteix e Van.

Esta nossa participação visa entre outros objectivos contribuir para transpor obstáculos de subalternização que umas "culturas" pensam que têm, sobre as outras. Ou que muitos centralistas e/ou indivíduos imbuídos de preconceitos euro-ocidentais apregoam (ou apregoaram) em detrimento da Arte Africana no geral. Também visa contribuir para preservação do nosso património artístico-cultural, divulgar e promover as artes plásticas angolanas além fronteiras.

Esta colecção, não só testemunha a diversidade de plástica, que os nossos artistas são capazes de proporcionar, mas também demonstra a vitalidade da sensibilidade e da vontade política que os gestores do país, nutrem pelas artes do país.

O universo plástico angolano é polissémico e móvel, e cada estilo, cada tendência, movimentam-se em direcções diferentes, mas perseguem o mesmo objectivo: a "angolanidade plástica" ou "escola de arte angolana". Admitamos que não existe todavia uma "escola angolana", como por exemplo existem as escolas francesa, americana, moçambicana, zimbabwena, etc., mas é verdade que a distância para esta meta aproxima-se a passos largos. Os trabalhos traduzem visões modernas, cujas características se interligam com as demais culturas autóctones, observamos temas actantes ligados aos mitos, a cultura animista, ao quotidiano e aos aspectos ligados ao ambiente, etc., inspirados pelo meio que os rodeia. Parafraseando Jorge Gumbe (1996, p.38), quando se referia às questões da arte angolana: "(...) as imagens que se expressam em telas são o meio condutor da simbologia

de origem ou de representação da relação do homem com o seu meio e seu tempo".

Denota-se nesta colecção das obras de arte, uma praxe artística dos seus intervenientes (os artistas), a assunção de posições não apenas mediatistas, mas sobretudo de carácter investigativo, indo de encontro aos valores da nossa cultura, não obliterando a visão cosmopolita. Por Francisco Van-Dunem Mestre em Educação Artística.

(Por Francisco Van-Dunem)

O presente e futuro da UNAP

A UNAP congrega os artistas plásticos angolanos desde 1977, para Van, foi uma das primeiras a surgir em Angola, momentos baixos porque a nível das artes plásticas, havia sempre o problema da formação de técnicos, e de pessoas que pudessem tratar da sua gestão, «depois da morte do Viteix».

Um dos grandes problemas da UNAP é o estado em que se encontra a sua sede. É um edifício em mau estado, muito antigo. Por outro lado está também a fazer-se tudo para que a UNAP esteja representada em todas as províncias de Angola. Neste momento, apenas existe em Benguela, Lubango, Cabinda e Uíge.

A direcção eleita há cinco meses tem feito actividades de formação, «fazemo-lo pela qualidade técnica dos nossos artistas, contribuimos para a sua formação com acções nas áreas da gravura, cerâmica, e queremos fazê-lo em desenho e outras



expressões artísticas, temos promovido palestras, seminários, etc. Pensamos realizar até ao fim do ano, muitas acções deste género porque escasseiam as escolas de arte e queremos aproveitar as sinergias dos jovens a nível das vocações, do talento e ajudá-los a melhorar o seu trabalho». Embora não possua nenhum prémio a UNAP é uma força motriz no sentido de os impulsionar a participar nos vários prémios que são atribuídos às artes plásticas em Angola e no estrangeiro. Pretende-se aumentar o número de membros que há vários anos se fixou perto dos 200. O pagamento de quotas, uma vez que há muitos anos que os membros da UNAP não pagam, é outra questão em agenda.

MWANGOLÉ



Van - Secretário Geral da UNAP

* Viteix: Artista de referência nas artes plásticas angolanas, foi membro da associação internacional de críticos de arte, secretário geral da UNAP e director da sociedade de autores de Angola.

Jovens do Hungu

A profissionalização de um músico tradicional



2005 foi um ano de poucas acções para os "Jovens do Hungu", que estão em estúdio a preparar o seu quarto CD. À conversa com o fundador dos "Jovens do Hungu", Manuel Tavares "Nelo", ficamos a saber um pouco da luta pela sobrevivência deste grupo, que tem representado Angola por todo mundo e se tornou um dos maiores expoentes da cultura angolana e africana.

MWANGOLÉ • Como foi o começo para os Jovens do Hungu e, porquê de deste este nome ao Grupo?

Jovens pela idade que tínhamos e Hungu para tornar mais popular o nome do instrumento que era quase desconhecido em Angola. Inspirei-me muito no grupo "Kituxe e os seus acompanhantes" achei que era preciso haver um grupo mais jovem para dar continuidade a esse trabalho. Começámos por tentar fazer o baixo do kituxe, que foi a nossa base, depois resolvemos modificá-lo um pouco para sermos diferentes.

Na tournée para 2006, na Alemanha, vamos tentar actuar na cidade onde Angola vai jogar. Faremos tudo para conviver com a comunidade angolana lá, nessa altura.

Nelo • Juntei alguns amigos, por acaso foi engraçado porque não sabíamos da existência uns dos outros como músicos. Quando tentei saber como poderia compor um grupo de música tradicional foram-me indicando nomes de pessoas que conhecia mas não estávamos sempre juntos, fiquei admirado porque afinal morávamos todos no bairro popular. Fui ter com eles e começámos a ensaiar em minha casa. Na altura o meu pai era contra. Mas era na minha casa que ficavam os instrumentos. Eu comprava-os com o meu dinheiro.

M • Porquê que o pai era contra?

N • Porque eu estava a estudar electro medicina e estava a trocar o curso pela música. Mas fiz essa luta. Além disso éramos todos militares. Eu trabalhava no hospital militar. Não era fácil deixarmos o trabalho para ir fazer espectáculos.

M • Como é que vieram parar a Portugal?

N • Naquela altura a média de idade dos grupos de música popular angolana era de 40 anos para cima e era muito difícil acreditar num grupo jovem. Mas sempre lutamos, por isso decidimos ou desistir ou desaparecer por um tempo e, viemos para Portugal.

M • Conseguiram o que queriam?

N • A maior porta que abrimos foi com um espectáculo de fusão que realizámos com a or-

questra metropolitana de Lisboa. A partir daí tudo foi acontecendo natural e rapidamente.

Em 1995 gravamos o nosso primeiro disco "Sembele" foi um dos primeiros de música étnica que apareceu em Angola e teve muita saída. Começámos a ter outra visão do mundo do espectáculo depois de irmos aos EUA. Tínhamos passado por palcos muito conceituados. Arranjámos um manager que vive na Alemanha e, trabalha há mais de oito anos connosco, é o Sr. Manuel Fragoço.

M • E como tem sido a relação com o vosso agente?

N • Ele tem arranjado espectáculos, às vezes mais, outras vezes menos, está preparando-nos neste momento uma nova tournée na Alemanha. Estamos a ver se actuamos mesmo na cidade onde Angola vai jogar, e fazer tudo para

conviver com a comunidade angolana lá nessa altura. Temos um "quartel general", é assim que chamamos, em Bremen. O festival "África Kudissanga", é um festival em que o ministério alemão da cultura oferece um espaço para quatro a cinco dias por mês, realizarem-se espectáculos de música africana. Poucos angolanos têm ido, mas vão muitos músicos senegaleses, do Mali e de outros países africanos. Acho que Manuel Fragoço devia ter mais apoio, porque ele é o único angolano domina o mercado alemão e que tem aberto portas para os músicos angolanos na Europa. É alguém que consegue entre 18 a 20 espectáculos para uma tournée, é muito.

M • Como é que fizeram a amizade com os Batoto Yetu?

N • Quando se criou aqui em Portugal os Batoto Yetu, o seu fundador Júlio Leitão, foi-me apresentado na RDP-África. Ele disse que gostava muito da nossa música e nos admirava, gostaria de poder ajudar-nos mas não sabia como. Mas quando disse que já ensinava as bailarinas dele nos Estados Unidos a dançar e a cantar a nossa música. Duvidei e pensei; "Mais um angolano mentiroso. Ao fim de três meses chegou o grupo de dança dele, cantaram as músicas Isabu e Sembele e confirmaram que há mais de dois meses ensaiavam com a nossa música nos EUA. Fiquei emocionado, isso deu-me uma alegria que não pode imaginar.

M • É preciso muita força para sobreviver como grupo e para manter viva a música tradicional de Angola? Têm ido buscar os vossos ritmos à raiz?

N • É preciso muita força, é preciso um gravador, uma câmara de filmar, uma máquina fotográfica, porque não temos nada escrito, mas há povos em Angola que ainda preservam os seus ritmos, eu acho até que há ritmos angolanos que já estão perdidos, já foram encontrados e estão a ser usados e vamos ouvi-los daqui há mais cinco ou dez anos em músicas que não são angolanas. Não tenho dúvidas, que isso vai acontecer.

Ganhamos alguma experiência a partir da Europa. Os grupos que estão em Angola ainda não fizeram grandes mudanças, nós gravamos 3 discos, os Kituxe 2 se não me engano, o Semba Muxima 2, e os outros não conseguem gravar. É preciso apoios financeiros.

Mas também estamos a tentar mudar, diversificar a nossa música, fazer música de fusão, já percorremos uma estrada que nos deu experiência, contactamos grupos tradicionais com grandes fusões, com violinos, contra baixo, etc. Depois deste disco queremos experimentar algo diferente, já falámos com o músico Natuto, que está disposto a trabalhar connosco,

Discos gravados: Sembele (Veleu a pena), Twana Ndengue (Nossas Crianças), Uenge Kitadi (Negócio e dinheiro), Próximo disco/projecto: "Culturas Perdidas". Para concretizar este projecto, os músicos aguardam a resposta de um pedido de patrocínio endereçado ao ministério angolano da cultura.

Ao mesmo tempo que busca modernidade, o projecto "Culturas Perdidas", vai ao encontro de sons antigos, dos Ngola Rítmicos, dos Ngongo, Teta Lando, «musicamos o poema Damba Maria, do Presidente José Eduardo dos Santos, pegamos outros ritmos que vão aparecendo como do União Mundo da Ilha».

Instrumentos tradicionais: Hungu, Puita, kissange, reco-reco ou "Dicanza", bambu e dois batusques de nome tradicional "N'goma".

Hungu é um instrumento monocórdico, conhecido como birimbau no Brasil, onde acompanha as exibições de capoeira.

Composição do grupo: Nelo (fundador), Neloy, Leão, Koami e Victor. Os estilos predominantes na sua música são o semba e outras linhas de pesquisa e estilos adaptados como a rebita, o afro e a kilapanga. As letras das suas canções assentam na literatura oral que fala de lendas, costumes, crenças, superstições, histórias de amor e respeito pelos mais velhos.



M • Com a editora Strauss correu tudo bem?

N • Nunca fale mal de quem lhe abre a porta. Se não fosse essa editora não teríamos três discos. Não digo que as coisas correram à mil maravilhas, mas tenho apenas a dizer: Obrigado por me terem aberto as portas.

M • Em que fase está a preparação do vosso último disco?

N • Numa primeira fase, porque todas as despesas têm corrido por nossa conta. Fizemos um acordo com o dono do estúdio e estamos a gravar. Ele vai apontando as horas e, vai fazer um orçamento, se até ao fim do ano conseguirmos o patrocínio, tudo bem. Pagamos as contas, se não, ficamos com a maquete e atrasamos o disco. Temos um pedido em Angola há dois anos, endereçado ao Ministério da Cultura mas, por enquanto tudo corre por nossa conta.

M • Vivem só do rendimento do grupo?

N • Em princípio sim, alguns, mas é difícil. Há alturas em que nos dividimos, somos convidados individualmente para outros trabalhos mesmo como músicos.

M • Aqui como é que arranjam os instrumentos com que tocam, a pele para os batusques?

N • É muito difícil. Uma vez trazíamos pele, apreenderam-na no aeroporto, pedimos muito mas não adiantou. Para o batusque baixo é pele de boi e para o solo, que é mais difícil pode ser de veado. Agora temos que pedir a conhecidos que vão aos países mais próximos de África como a Guiné ou Cabo Verde. Para o reco-reco o bordão tem que vir de Angola, cabaças aparecem aqui, as missangas são outro problema, as vezes perdem-se mas muitas vezes as pessoas pedem para recordação, na Holanda, um dos artistas que nos acompanhou quis um dos nossos panos como recordação. Fazem-nos falta. Mas quando as pessoas dizem: «Preciso de marcar esse grupo, preciso de não esquecer» derretem-me o coração.

M • Escrevem as vossas músicas? E nos espectáculos quais são as músicas que usam?

N • Cantamos a nossa música, porque todos escrevemos letras, escolhemos as melhores, uns ganham mais que outros. Vamos usar uma letra do Teta Lando em kicongo, é uma estória muito bonita. Nos espectáculos cantamos música nossa, uma vez ou outra pode cair uma música popular angolana como o Cidralia, uma ou duas do Ngola Ritmo como o Muxima. A partir deste ano queremos cantar a do Teta Lando, mas é kicongo, ainda não está bem ensaiada. A que está pronta, e podemos depois de gravar começar a treinar em espectáculos, é a letra do Presidente José Eduardo dos Santos, é kimbundu, é mais fácil para nós.

M • Vocês apresentam-se com bailarinas?

N • Sim quando viemos todos juntos, trazíamos duas bailarinas que depois acabaram por seguir as suas vidas, tivemos que arranjar outras, já aparecem muitas bailarinas angolanas actualmente.

MWANGOLÉ



Os Batoto Yetu usam nos seus espectáculos de dança canções dos Jovens do Hungu

Percorso: Os jovens do Hungu existem desde 1989. Gravaram os seus três primeiros discos nas línguas nacionais kimbundu e humbundu. No quarto CD incluíram música em kicongo e uma letra em português de uma angolana estudante de música no Porto.

Em 1990, participaram pela primeira vez numa Quinzena Cultural de Angola nas cidades brasileiras da Baía, São Paulo e Pernambuco. O desejo de gravar um disco fê-los imigrar para Portugal em 1994. Foram recebidos pelo músico Raul Ouro Negro.

Entre outros, entre 1994 e 2004, estiveram no festival África Minha em Lisboa, numa gala do Diário de Notícias, fazendo música de "Fusão" com a orquestra Metropolitana de Lisboa, no Casino Estoril e no Estádio do Belenenses. Como resultado deste show foram convidados pela editora Strauss para a gravar o seu primeiro CD, em 1995.

Estiveram em digressão pelos Estados Unidos da América actuando nas salas Apollo Center, em Nova York e no Performing Art Center de New Jersey acompanhados pelos Batoto Yetu.

Representaram Angola na emissão inaugural da RDP-África na cidade da Praia em Cabo Verde. Estiveram no "Festival Del Caribe", cidade de Cancun-México, tendo actuado também numa gala da embaixada de Angola e num Show de teatro mexicano.

Exibiram-se no encontro dos países da SADC no Japão, depois no festival Afro-Springsteen na Suíça, em Frankfurt no Festival Africa-Alive e no festival de Bremen. Participaram no "Encontro de Culturas" na Alemanha - Bona, no Festival "Frolunda Kulturas" na Suécia, numa gala da embaixada de Angola na Suécia. Em 2000 participaram numa gala da Embaixada de Angola em Viena de Áustria. Fizeram em 2001 uma digressão por Alemanha e Holanda. Estiveram na celebração do dia da independência de Angola em Paris, no festival de música Mediterrâneo Itália em 2003, no festival World Music - na Áustria, e na festa do dia de África em Lisboa em 2004.

e haverá outros, porque a música tradicional precisa de evoluir, precisa de mudança. No novo disco vamos pôr duas violas de caixa, temos contacto com dois grandes músicos que são o Betinho Feijó e o José Muele Puto, vamos fazer uma espécie de Ngola Ritmo.

M • Quem são os músicos angolanos em quem vocês se inspiram além do Kituxe?

N • Conservo discos angolanos antigos e há vários que admiro, um deles é Teta Lando, tem muitos ritmos, foi um grande crítico da música angolana e sempre me disse que Portugal não era o mercado certo para a música dele nem para a nossa, nem para a música africana. Agora conhecendo o que conheço de outros grupos africanos residentes noutras partes da Europa e mesmo pelas passagens que temos tido por grandes festivais europeus, acho que lhe dou razão. Há muito poucos músicos residentes em Portugal a passar por esses festivais. Encontramos músicos africanos com grande nome em África e no mundo, encontramos vários grupos do Senegal, do Mali, não apenas um, mas vários. E de Angola também devia haver mais grupos. Nós aparecemos e graças a Deus tudo correu bem, mas já podíamos ter ido muito mais longe, se tivéssemos tido mais apoios.

M • Em Angola existem outros grupos de música tradicional?

N • Depois do nosso disco "Sembele" apareceram mais grupos, quase vinte. Não

Homem Branco Homem Negro

Carlos Paca no Teatro Aberto

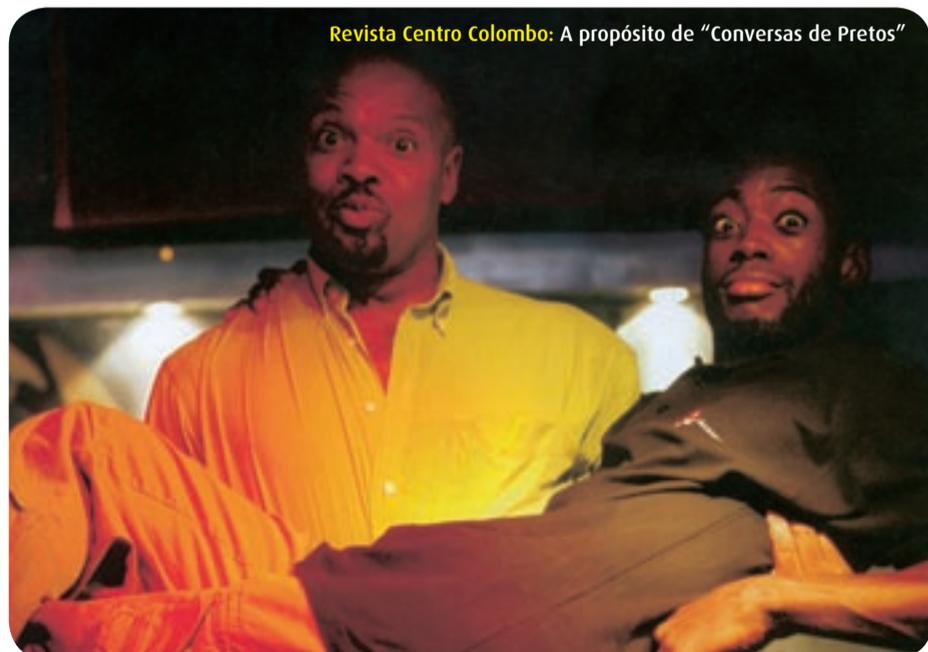


A peça "Homem Branco Homem Negro" em cartaz durante cerca de três meses num teatro com nome e tradição, o Teatro Aberto, em Lisboa, conta apenas com dois actores. Um deles é o angolano Carlos Paca, que está entre os mais convidados do mercado português. Ele chega a recusar trabalho porque o tempo não chega e, está aí para provar que a arte exige responsabilidade. "Quero desmistificar a ideia de que os africanos não têm responsabilidade". E questiona «Porquê que a malta não vai ao teatro?»

Carlos Paca saiu de Angola muito jovem, viveu nos Estados Unidos da América, Swazilândia, África do Sul e acabou por vir para Portugal. Trabalhava num restaurante lisboeta, quando foi descoberto pela actriz brasileira Taís de Campos, que tem uma Academia de TV e Cinema em Lisboa. Como nos diz, exibiu-se para os colegas, «sempre os fiz rir, fazia uma espécie de *stand up*, que é tratar situações sérias de uma forma cômica. A Taís, olhou para mim e disse-me que tinha jeito para representar», fez um casting e frequentou o curso de interpretação para TV e Cinema, durante 3 anos. Fez vários workshops e estreou-se no teatro Amélia Rei Colaço, numa peça sobre Shakespear «Era uma peça difícil, mas representei tão bem, que fui convidado pelo encenador Rui Calisto para a peça brasileira Avatar, e com ela fomos ao Brasil e por aí afora».



Carlos não perde oportunidades para aperfeiçoar o seu talento nato, «nas festas lá de casa era a atracção, a minha mãe mandava-me dançar, depois tivemos a onda do Break Dance, fui para os EUA e em Angola participei sempre em concursos porque dançava bem». Em Portugal trabalhou com António Feio e José Pedro Gomes, e para a maior empresa portuguesa de produção de espectáculos e teatro comercial, a UAU. Os encenadores que o dirigem estão igualmente no top, como na peça "Um Branco e um Negro" encenada por João Lourenço. Paca tem por norma investir em workshops com grandes nomes como, Atilio Ricou, wolf Maia, Maurício Matar, Morgan Freeman, e o angolano Júlio Leitão dos Batoto Yetu. «São nomes que implicam respeito e aceitação, por isso é preciso investir». Sobre a integração em Portugal considera-se "suspeito" «sinto-me privilegiado, acho que cheguei numa fase em que está tudo mais esbatido, mais *open mind*, sinto-me acarinhado e respeitado».



Revista Centro Colombo: A propósito de "Conversas de Pretos"

Ossos do Ofício

Actualmente a gravar a série "Bocage" que a RTP começará a apresentar em Dezembro, o actor faz diariamente aulas de expressão corporal, de voz, e faz canto lírico, «leio muito e estou a escrever o guião para um DVD que se chamará "Conversa de Pretos" são 30 sketches de comédia, humor negro, com actores na sua maioria negros, entram vários angolanos, alguns actores conhecidos cá e possivelmente o Mantorras».

Ainda sobre "Conversa de Pretos" adianta «será uma produção de africanos, com actores africanos e para africanos. Dizem que somos irresponsáveis, não gostamos de trabalhar, quero mostrar a diferença, faço inclusivé trabalhos domésticos, sou muito metódico, as raparigas até me acham chato».

Na televisão, Carlos Paca começou com a série "O crime não compensa", fez as séries "Ganância", "Inspector Max", "Morangos com Açúcar", foi convidado para entrar em "Mundo Meu" e nos "Serranos", e uma longa metragem brasileira. Por falta de tempo declinou estes três últimos projectos. Não faz mais TV por causa do teatro «tenho tido muitos convites para teatro e são peças que levam anos em digressão, não sobra tempo para televisão». Para o cinema teve igualmente vários convites, inclusive para o Comboio da Canhoca «na altura estava a actuar numa peça de teatro, daí a impossibilidade de acitar este convite».

O actor questiona porquê que os africanos não vão ao teatro. «Eu vejo espectáculos bons e maus, estou a actuar há oito anos e não vejo africanos no teatro. Já estive nas universidades a falar com as pessoas e a colar cartazes, e no entanto é raro vermos os nossos patrícios no teatro. É preciso que saibam que se não temos público nada podemos fazer. Os "Gika da Lapa" por exemplo, não funcionou, porque para além de ser um europeu a escrever, a malta não assistia. Não temos o hábito de consumir o que é nosso. Não me queixo, tenho público, mas o público africano não me conhece».



«Quero crescer muito»

A peça "Um Branco e Um Negro" deverá ser exibida em Macau, Moçambique, Alemanha e talvez Angola. O actor deseja trabalhar em Angola, «espero que me convidem para uma novela, acho que somos actores natos. Há oito anos que não vou a Angola, porque tenho tido muito trabalho e ando um bocado pelo mundo. Tenho ido aos Estados Unidos, para contactar agentes de Los Angeles porque cá tenho o problema do sotaque. Em inglês sou fluente e quero tentar lá, quero crescer muito».

Este ano foi aprovado para o curso superior de teatro e televisão, do Conservatório, chegou ao estágio, mas foi aparecendo muito trabalho e não deu para continuar. O actor vive do seu *métier* e explica «não conheço vida fácil, depois desta peça em cartaz no Teatro Aberto tenho mais duas e uma longa metragem, o Conservatório pode esperar, é algo que tenho que fazer».

Para o futuro espera tornar-se produtor de es-

pectáculos, «hoje em dia, ser apenas actor não me satisfaz, penso fazer um curso de realização e produção. No final deste ano conta estar nos EUA com os actores americanos David Chapel e Cris Rock, «vamos trocar experiências e estudar o padrão para "Conversa de pretos", que será produzido pela Film Cultural da angolana Osanda Forge. Sei que em Portugal muita gente vê estes actores americanos, inclusive pela Internet».

Sobre as hipóteses de crescer como actor em Portugal, opina «cá alegam que o nosso sotaque faz diferença, mas os americanos trabalham com holandeses, austríacos, ingleses, escoceses e não há esse tipo de problemas. Quando não represento, escrevo, crio, ficciono, o que me dá muito prazer. O essencial é não parar.

MWANGOLÉ



Peça de JAIME ROCHA A FICÇÃO QUESTIONA A REALIDADE

A Peça "Homem Branco Homem Negro" foi distinguida em 2004 com o Grande Prémio do Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores e do Teatro Aberto. Em Março de 2005 foi trabalhada num workshop de tradução com tradutores da Alemanha, da Roménia e da Hungria. Em Maio foi apresentada em tradução alemã de Marianne Gareis no festival de Mulheim e discutida com o público presente.

Para o autor, Jaime Rocha, o racismo é um tema que o tem preocupado sobretudo nos últimos anos, «como é um tema complicado decidi ter só duas personagens para criar, uma peça clara, com uma história e uma mensagem claras, quis ir directamente ao tema e pela primeira vez, fiz uma peça próxima de nós, daquilo que estamos a viver, muito contemporânea, com um diálogo muito aberto».

E o autor prossegue «uma das perguntas que queria colocar. Como é possível ser amigo, como é possível as diferenças viverem lado a lado, num mundo racista e cheio de preconceitos?»

«Coloquei os personagens em espaços distintos para criar situações que as levasse a dizer aquilo que eu queria, ou melhor, aquilo que eles só podiam dizer naquelas situações. Uma das coisas que gosto no teatro é precisamente isso. Estou de fora, olho para as personagens e penso: Nesta situação eles só podem dizer isto. Não podem dizer outra coisa. É um método que tenho para não utilizar moralismo, politiquices, coisas que eu como autor posso ter na cabeça».

Rocha precisa ainda «Eu vejo o teatro como uma porta que se abre para falarmos de coisas de que temos medo, vergonha, coisas de que nos aborrece falar, que nos fazem querer passar ao lado. O teatro dá uma oportunidade para as pessoas discutirem o tema, confrontarem-se com o mundo real. Hoje já não é só reflectir, é não falar».

“Palancas Negras” garantem presença de Angola no mundial de futebol 2006



Centenas de excursionistas deixaram Luanda rumo ao Rwanda para apoiar a selecção nacional, sob iniciativa do Movimento Nacional Espontâneo. A Secil Marítima organizou igualmente uma caravana que escalou Cabinda para embarcar mais meia centena de apoiantes. Entre estes estava o agrupamento de música tradicional Semba Muxima. A agência de viagem Tropicana também organizou uma claque de apoio, levando músicos maioritariamente ligados ao projecto “Criança Futuro” e desportistas.

Milhares de luandenses protagonizaram uma calorosa recepção à selecção nacional. Logo às primeiras horas da manhã de sábado muita gente estava concentrada em várias artérias da cidade capital até ao Aeroporto Internacional 4 de Fevereiro, levando bandeiras e dísticos.

Centenas de pessoas entre membros do governo, deputados, representantes de partidos políticos e entidades religiosas esperavam pela comitiva que foi recebida no aeroporto 4 de Fevereiro pelo Presidente da República, José Eduardo dos

Santos. O Chefe de Estado angolano classificou a vitória da selecção como “suada, merecida e justa”.

Em entrevista concedida à rádio Cinco numa mensagem à selecção, o presidente confessou-se emocionado «sobretudo por ser um angolano que também foi praticante de futebol» e acrescentou «não tenho palavras para dizer quão grato estou aos jogadores que se empenharam a fundo para elevar o nome de Angola. É uma boa resposta a todos aqueles que pensaram que Angola não poderia representar dignamente África».

Na sua mensagem à selecção, o Presidente agradeceu ao jogador Akwa, pela contribuição que tem dado ao futebol nacional, felicitou o presidente da Federação Nacional de Futebol e o técnico principal da selecção considerando-o «muito hábil e inteligente».



José Eduardo dos Santos referiu ainda «como antigo praticante da modalidade, quero também dar a minha contribuição». Por outro lado, sublinhou «Estamos no mundial por mérito próprio... e porque temos um sonho maior que é de estar entre as melhores seleções do mundo. Angola alcançou a paz há cerca de três anos e agora quer demonstrar que afinal somos um povo como qualquer outro, com mérito para realizar os seus sonhos».

Nas avenidas da Revolução de Outubro, Ho Chi Min e Hoji Ya Henda até ao Complexo Desportivo da Cidadela, e também em muitos prédios havia gente aplaudindo a selecção. A festa continuou na Cidadela com uma manifestação músico-cultural organizada pelo Governo da Província de Luanda. Em Lisboa milhares de adeptos saíram as ruas

vestidos com as cores da bandeira angolana e muitos se dirigiram à praça sony para assistir a um concerto organizado especialmente para comemorar a vitória de Angola. Angolanos espalhados por todo mundo continuam a festejar ida do futebol angolano ao Mundial 2006.

Entretanto o governo angolano disponibilizou um milhão e trezentos e cinquenta mil dólares à selecção nacional de futebol, pela qualificação à fase final na Taça de África das Nações - CAN 2006, no Egipto, e ao Mundial na Alemanha. A informação foi prestada pelo ministro da Juventude e Desportos, José Marcos Barrica, numa cerimónia de homenagem aos “Palancas Negras”.

MWANGOLÉ



Taça Amizade em Portugal Angola vence Cabo Verde

O embaixador Assunção dos Anjos com os “Palancas Negras” nos preparativos para as eliminatórias visando o Mundial de 2006. A selecção conquistou a Taça Amizade, ao vencer em Lisboa, a sua similar de Cabo Verde, por 2-1. Os “Palancas Negras”, perdiam ao intervalo por 0-1, marcaram com Pedro Mantorras e Love Kabungula. O estádio José Gomes na Reboleira acolheu gratuitamente todos os adeptos.

Akwa capitão da selecção de Angola, que actua numa equipa do Qatar há cinco anos, foi o único a jogar de novo com a selecção cabo-verdiana, desde que em 2001 as duas seleções se defrontaram na cidade da Praia.

Equipa angolana participa em torneio “Solidariedade Guiné Bissau”

A equipa angolana de futebol 11, composta pelos jogadores Romão, Budagray, Bruno I, Dado, Lau, Manenas, Guto, Bruno II, Brinquedo, Fazecas, e Guerrito, como titulares, Ariel, Zeca, Nino, Careca, Raím, Luís, Kelly, Tako, e Adilson como suplentes, participou num Torneio de Solidariedade com a Guiné Bissau, disputado no campo do Inatel em Lisboa.



A equipa recebendo orientações do treinador Luís Quintas.

Os jogadores angolanos sob orientação dos treinadores Francisco Neto e Luís Quintas, todos residentes em Portugal, formaram equipa em Maio do ano passado. Com o apoio da embaixada de Angola em Portugal os jovens têm-se mantido unidos e aptos para desafios de futebol que se realizam esporadicamente entre a comunidade africana em Portugal. Desta vez a equipa participou num torneio organizado pela associação Guinéaspóra no âmbito das comemorações do 30º

aniversário da independência daquele país. Angola venceu a série B ao derrotar a equipa de Cabo Verde por 17-0 e a de Moçambique por 3-2.

Os jovens envolvidos nesta iniciativa são cerca de 30. Na última competição participaram apenas 18 que, apesar de não vencerem o torneio ganharam pela Guiné Bissau na fase final por 2-1, representaram dignamente Angola.

MWANGOLÉ



Os organizadores João Santos e Fé, fazem a ligação entre os atletas e a embaixada de Angola.

Mundial de Hóquei em Patins, nos EUA

Angola Melhora classificação

Ao derrotar o Brasil por 6-2 a selecção nacional de hóquei em patins alcançou o sétimo lugar no trigésimo sétimo campeonato do mundo da modalidade, disputado entre 6 e 13 de Julho, em São José da Califórnia (Estados Unidos)

Nas classificativas do sétimo e oitavo lugar, o cinco nacional derrotou a sua congénere

do Brasil por expressivos 6-2, quando ao intervalo já vencia por 2-0, com tentos de Pedro Neto e Kirro.

Na etapa complementar, virado para o ataque, Angola amplia o score com golos de Pedro Neto, Duque, Toy Gaspar e Toy Adão, enquanto que pela formação brasileira marcaram, Nicolas Feresim e Alan Karan.

MWANGOLÉ



Quadro de resultados de Angola:

Portugal • Angola	5 • 1
Angola • Macau	21 • 3
Angola • Chile	1 • 1
França • Angola	5 • 2
Itália • Angola	2 • 1
Angola • Brasil	6 • 2





Angola conquista oitavo título no Afrobasket 2005 e garante quinta presença no Mundial de 2006

Angola realizou uma conquista inédita e qualificou-se para o mundial de basquete no Japão em 2006, foi hora de festa por uma vitória da unidade nacional.

A seleção nacional disputou oito partidas e obteve igual número de vitórias fazendo os angolanos rejubilar de orgulho e emoção, independentemente das cores políticas, religiosas ou étnicas e pelas comunidades espalhadas na diáspora.

Os títulos conquistados pela seleção angolana foram em 1989 (Luanda), 1991 (Cairo), 1993 (Nairobi), 1995 (Argel), 1999 (Luanda), 2001 (Rabat), 2003 (Alexandria) e 2005 (Argel).

Senegal e Egito com cinco títulos cada um, são os outros dois países vencedores do Afrobasket.

Apesar de toda a vontade de vergar os angolanos, neste Afrobasket, a Nigéria e Senegal confirmaram que para isso, precisam de trabalhar. Esta teria sido das melhores oportunidades de retirar o título a Angola uma vez que se apresentou com noventa por cento do seu plantel renovado e com uma das seleções mais jovens do campeonato.

A vitória dos mais jovens

Desfalca de jogadores como Jean Jacques, Victor Carvalho e Baduna Victoriano, a seleção contou com atletas que os substituíram com brio, sobretudo nos jogos contra Moçambique, África do Sul, Marrocos, RCA ou Mali.

Jean Jacques da Conceição que participou nos sete campeonatos anteriores e é desde Outubro de 2004 o novo vice-presidente da FAB, chefiou a delegação angolana à 23ª edição do Afrobasket 2005.

Gerson Monteiro sagrou-se melhor marcador do jogo contra Moçambique, e contra a África do Sul, na estreia do Afrobasket. Gerson esteve em 2004 a fazer testes no San Antonio Spurs, da liga profissional norte-americana (NBA), devido ao seu espectacular desempenho em "triplos" nos Jogos Olímpicos de Atenas.

O extremo Olímpio Cipriano foi o melhor marcador do jogo da final do XXIII campeonato em Argel. Este jogador do 1º de Agosto estreou-se na 23ª edição do africano de basquetebol.

Também o treinador adjunto da seleção, Raul Duarte, foi substituído por José Pontes, de Ben-

guela. A seleção nacional foi a única a somar cinco vitórias na primeira fase do campeonato.

Os mais experientes da turma de Mário Palma foram chamados. Carlos Almeida, Abdel Boukar (o mais alto da equipa), e Ângelo Victoriano.

Realce ainda para as actuações de Armando Costa, Joaquim, Gomes, Carlos Morais, Eduardo Mingas, o base Miguel Lutonda os postes Ângelo Victoriano, Abdel Boukar e o extremo base Carlos Almeida.

Mário Palma "O estratega"

As vitórias no Afrobasket devem-se aos técnicos Victorino Cunha, Wlademiro Romero e Mário Palma, que detém o recorde de vitórias. A experiência profissional do treinador Mário Palma e o empenho e dedicação dos atletas tornaram realidade, o que parecia mais um sonho distante do que uma convicção, devido as mudanças registadas na seleção. Palma teve dificuldade em eger um cinco favorito, porque os 12 jogadores escolhidos

para Argel corresponderam todos aos desígnios de marcar e levar a seleção à vitória. O treinador surpreendeu ao utilizar os seus 10 jogadores em partidas decisivas. Ao manter o veterano Ângelo Victoriano entre os eleitos, Mário Palma conseguiu que o jogador de 37 anos desempenhasse um papel fundamental na seleção. Com Miguel Lutonda e Carlos Almeida constituiu um trio de luxo, capaz de resolver casos mais complicados. Para Angola apenas houve três provas de fogo, contra a Nigéria e duas vezes contra o Senegal.



Ângelo Victoriano, Capitão da Seleção Nacional há oito anos com o vice presidente da casa de Angola durante a homenagem que a Embaixada de Angola em Portugal prestou aos basquetebolistas.

O último Afrobasket para o capitão Ângelo

O único jogador que esteve presente na conquista de todos os títulos para Angola nos campeonatos africanos de basquetebol sénior, o "capitão" da equipal, Ângelo Victoriano, anunciou que pretende despedir-se das competições no campeonato mundial de 2006. "Quanto a campeonatos africanos esta é a minha última participação" disse. Com oito títulos conquistados em campeonatos africanos de basquetebol, o capitão da seleção nacional Ângelo Victoriano afirmou que Angola teve como objectivo único, conservar o troféu, apesar das dificuldades que previa "Angola era o alvo a abater neste campeonato, pelo que a vitória foi conquistada com muito sacrifício" sublinhou. Ângelo decidiu dedicar-se mais ao seu Clube,



Mário Palma

o "1º de Agosto", mas foi o treinador Mário Palma que o aconselhou a considerar a participação no mundial como a melhor altura para uma despedida da seleção nacional. Ângelo confessou-se feliz por ter ganho oito títulos e acrescentou «por isso é que estou a pensar já em deixar a vaga para os mais jovens».

O orgulho pelos campeões

O Presidente da República, José Eduardo dos Santos, felicitou e encorajou a seleção tendo considerado que nas próximas décadas será difícil para qualquer outro país conseguir o mesmo. Considerando um exemplo de trabalho, dedicação sacrifício e concertação de esforços que deve ser seguido por todos na reconstrução do país.

Em Luanda, os campeões foram recebidos por uma multidão em festa e circularam pelas principais avenidas, numa passeata automóvel, para junto da população comemorar a conquista. MWANGOLÉ

(Com os enviados especiais e angop)



Angola quer acolher Afrobasket-2007

O presidente da Federação de Basquetebol (FAB), Gustavo da Conceição, assegurou que Angola é o principal candidato à organização do campeonato africano das nações sénior masculino, Afrobasket-2007. Os dirigentes do desporto angolano e da Federação Angolana de Basquetebol, pretendem a organização do maior evento do baquete africano em 2007. O mesmo vai seleccionar as equipas aos jogos de Beijing-2008, na China, sendo que se apura para a competição apenas o vencedor do torneio. O caderno de encargos da Fiba-África para quem pretende organizar o evento, já deu entrada na sede da Federação Angolana de Basquetebol (FAB), e o seu presidente Gustavo da Conceição disse que o país já passou pela primeira triagem, onde foram também apuradas a África do Sul e o Mali, ficando de fora a Costa do Marfim e o Gabão. "Continuamos a acreditar que estamos muito bem posicionados para ganhar a candidatura que nos permitirá acolher o Afrobasket-2007, dada a nossa capacidade de organização", sublinhou. A FAB conta já com o apoio moral do Estado angolano, sociedade civil e de alguns patrocinadores. Recorde-se que o país organizou duas fases finais do Afrobasket, designadamente em 1989 e 1999, tendo nessas ocasiões conquistado o título africano. Para além das edições citadas, Angola conquistou também as edições do Afrobasket de 1991, 93, 95, 2001, 2003 e 2005.

Jogos da CPLP - Fraternidade e luta acessa pelas medalhas

Paulo de Jesus, em Luanda



Angola fechou com chave de ouro os V Jogos da CPLP, em cadetes, depois de vencer a final do torneio de futebol frente a Guiné-Bissau (por 1-0), mas não ultrapassou a representação brasileira na dura disputa pelas medalhas.

Com um total de 17 medalhas, os angolanos classificaram-se na segunda posição do quadro geral dos Jogos. As seleções nacionais de futebol, basquetebol, andebol, voleibol, atletismo e ténis, conquistaram cinco medalhas de ouro, seis de prata e seis de bronze, enquanto as do Brasil, primeira classificada, obtiveram 15 de ouro, quatro de prata e três de bronze.

Os jogos decorreram sob o lema "fraternidade", entre 12 a 18 de Agosto, e Brasil, foi superior na maioria das modalidades desportivas. Disputados num ambiente de festa fraternal, os jogos não deixaram passar despercebida certa rivalidade que os participantes vão já carregando consigo. A luta pela conquista de uma medalha de ouro foi grande. Na final de basquetebol, Angola perdeu diante de Portugal, num quase ajuste de contas, enquanto que na de andebol,

nem sequer atingiu a fase seguinte da prova. Já no voleibol de praia masculino e feminino, Angola perdeu contra o Brasil. O mesmo desaire teve com o ténis de campo, individual e par. A par do futebol, o atletismo foi, uma vez mais, uma excepção, conquistando três medalhas de ouro, nos 800 metros femininos e nos 800 metros masculinos, respectivamente. Nesta modalidade, os brasileiros dominaram vencendo na especialidade de 100 metros femininos, no lançamento de peso na corrida de cadeira de rodas. No final do certame, em que apenas Timor Leste marcou presença simbólica, os ministros dos Desportos da CPLP agradeceram o empenho do Governo angolano para a realização dos V Jogos da Comunidade lusófona. Os próximos jogos da CPLP serão disputados em 2007 no Brasil. MWANGOLÉ

Quadro de Medalhas

	Ouro	Prata	Bronze	Total
1 Brasil	15	4	3	22
2 Angola	5	6	6	17
3 Cabo Verde	5	6	3	14
4 Portugal	2	5	3	10
5 Guiné Bissau	1	4	5	10
6 São Tomé e Príncipe	0	2	1	3
7 Moçambique	0	0	2	2



Roberto de Almeida, Presidente da Assembleia Nacional, abriu o evento



Congresso Intercontinental dos quadros e imigrantes Adventistas do Sétimo Dia

Planificar o êxodo dos cerca de 100 quadros adventistas dispersos pela Europa, América do norte, Central e do Sul para os seus países de origem, e dar um contributo válido para a reconstrução das Instituições de ensino e saúde da Igreja Adventista em África, foram objectivos do primeiro Congresso Intercontinental dos Quadros e Imigrantes Adventistas do Sétimo dia, que teve lugar no final de Setembro no Porto.

A iniciativa pretendeu igualmente Apelar às organizações internacionais, aos Estados e às pessoas de boa vontade empenhadas nas tarefas de carácter social na África Lusófona, e promover a reflexão sobre a saúde e a integração dos imigrantes em Portugal através de acções de carácter social (criação de um serviço SOS saúde pró-imigrante).

O congresso contou com o apoio da União Europeia através do seu Vice-Presidente Dr Franco Frattini, que felicitou a iniciativa e disponibilizou toda a informação para candidaturas a financiamentos destinados a apoiar estados terceiros à União Europeia nas suas carências.

Diplomatas, ex-missionários e quadros provenientes do Brasil, EUA, Suíça, Angola, Cabo-Verde, Guiné e São Tomé e

Príncipe foram unânimes em concluir que as instituições adventistas de vocação social, são indispensáveis para o desenvolvimento e bem estar das populações em África e no mundo.

A missão do Bongo (Jerusalém de Angola) situada na Província do Huambo acabou por ser o centro das atenções do congresso dada a importância que teve no passado. Fundada em 1922, funcionavam nesta missão um Hospital com diversas especialidades; um instituto teológico e de ensino secundário, escolas primárias, um complexo agro-pecuário; uma tipografia, uma escola de ofício e artes entre outras actividades. Ali formaram-se centenas de obreiros e missionários.

Entre os convidados estiveram o Dr Christopher Corniola do Departamento



Federal de Saúde Pública dos EUA no Estado do Tennessee - especialista no combate a epidemias - que pretende partir para África em espírito missionário, João de Deus Director Geral da Fundação José Eduardo dos Santos, enviado de Luanda com mensagens de encorajamento aos objectivos do Congresso bem como Deputados do MPLA e da Unita Milton Dias da Silva e Armando Pedro Jorge Caetano que trouxeram uma mensagem de paz aos quadros e missionários para o retomarem o seu trabalho em Angola.

Participaram também membros das Missões Diplomáticas de Lisboa e

do Porto do Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas; da Organização da Mulher Angolana, o Presidente da União Portuguesa dos Adventistas do 7.º Dia, e quadros que se deslocaram do Brasil, de Angola, da Europa e de várias regiões de Portugal. Muitos dos quadros com formação em direito; medicina, economia; engenharia; educação; enfermagem, etc, manifestaram a sua disposição para regressar à pátria.

A próximo congresso deverá ter lugar em Setembro de 2007 em Angola como forma de traduzir para a prática os objectivos do que ficou decidido no Porto.

MWANGOLÉ



Interpol apoia polícias da África Austral

A Interpol estabeleceu uma estratégia regional de apoio às medidas nacionais dos países da África austral, para o reforço da luta contra o terrorismo e o crime organizado em todas as suas manifestações.

Na reunião dos chefes dos gabinetes nacionais da Organização Internacional de Polícia Criminal (Interpol), decorrida em Luanda, que antecedeu o encontro da Organização Regional das Polícias da África Austral (SARPCCO), o comandante da polícia nacional José Alfredo "Ekuikui", realçou a necessidade do reforço da cooperação e modernização dos sistemas de troca de informação policial, para combater a criminalidade na África austral.

União de esforços com a Interpol

Para o comandante Ekuikui, o sucesso da luta contra o crime transnacional pressupõe a adequação e melhoria progressiva dos mecanismos de troca de informações de inteligência criminal e operacional, que resultará na obtenção de uma perspectiva mais ampla do espectro e dimensão da actividade criminosa organizada, no sentido de permitir a adopção de medidas de longo prazo, visando o seu combate. "Ekuikui", deu a conhecer que a Interpol estabeleceu uma estratégia regional de apoio às medidas nacionais, para o reforço da luta contra o terrorismo e o crime organizado em todas as suas manifestações, considerando igualmente que a implementação do novo sistema mundial de comunicações em mais de 30 países africanos, veio permitir o aumento considerável do fluxo de informação policial e tornou mais operacionais os gabinetes nacionais da Interpol, dando maior acesso às bases de dados criminais, visando uma maior partilha de inteligência criminal. "É nosso compromisso, como países africanos membros da organização, empreender esforços no sentido de

estender o sistema, nos restantes 21 países que aguardam conexão para que a cooperação seja completa, com destaque para os países da região Austral, nomeadamente a Zâmbia, Malawi, Ilhas Maurícias, na qualidade de países membros da SARPCCO", disse. De passagem por Luanda, o Secretário-Geral da INTERPOL, Robert Kenneth Noble, reuniu-se com os chefes dos gabinetes nacionais da sua instituição a nível da região, com os membros do comando-geral da Polícia Nacional, e com o ministro angolano do Interior, Osvaldo Serra Van-Dunem. Inteirou-se dos resultados dos trabalhos da décima reunião ordinária da Organização de Cooperação dos Chefes da Polícia da África Austral e, participou igualmente em actividades ligadas aos festejos do décimo aniversário da SARPCCO. A propósito, visitou a exposição de materiais e equipamentos da Polícia Nacional expostos na "Praça da Família", em Luanda, o Centro Polivalente Nzoji, a Ilha do Mussulo, e outros pontos turísticos da capital.

Polícias combatem o crime na África Austral

Por outro lado, os ministros do interior dos países membros da Organização Regional das Polícias da África Austral (SARPCCO), presentes em Luanda para a 10ª reunião do Conselho de Ministros, recomendaram a intensificação de acções conjuntas, visando a redução da média dos crimes transfronteiriços, em particular do furto de viaturas, tráfico de drogas e de armas de fogo. Os ministros do interior de países como Moçambique, Lesotho, Malawi, Namíbia, Tanzânia, entre outros e um representante da ONU para a luta contra as drogas e crimes organizados na região austral de África reunidos em Luanda, mostraram-se preocupados com os actos de terrorismo no mundo, e apelaram aos chefes de Polícia da organização para envolverem as suas forças na luta contra este mal, de acordo com os tratados e protocolos internacionais de que são signatários os respectivos Estados. Manifestaram ainda, apreço pelo interesse dos países que adoptaram planos de acção, no quadro da implementação do protocolo da Comunidade

de Desenvolvimento da África Austral (SADC) relativamente ao controlo de armas de fogo, munições e outro material conexo, apelando aos demais países a seguirem o exemplo.

A presidência do Conselho de Ministros da SARPCCO passou a ser dirigida pelo ministro do Interior de Angola, Osvaldo de Jesus Serra Van-Dunem, que toma o lugar do tanzaniano Ramadhan Mapuri. Em conferência de imprensa, Serra Van-Dunem garantiu que uma das apostas da SARPCCO será a criação de condições para a manutenção da estabilidade regional, assim como a prevenção contra o terrorismo. "Demos passos significativos no âmbito do combate à criminalidade na nossa região, particularmente no que diz respeito ao furto de viaturas, tráfico de drogas e de armas de fogo", referiu.

Na reunião da SARPCCO defendeu-se a criação de mecanismos no sentido de se reforçarem as medidas de prevenção contra crimes transfronteiriços. O presidente da organização, o comandante geral da Polícia "Ekuikui", garantiu que tais crimes serão, doravante, combatidos por um serviço de inteligência fronteiriça. Segundo "Ekuikui", Angola já organizou efectivos de guarda e desdobrou os dispositivos ao longo de toda a fronteira, mas, "será somente com um sistema de informação global capaz de escoar informações relacionadas com a criminalidade, que se poderá operacionalizar de forma eficaz as acções contra esses crimes". Segundo o comandante da Polícia nacional de Angola as medidas para o combate ao terrorismo estão criadas e limitam-se à acções de prevenção.

Países membros da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral, designadamente Angola, África do Sul, Moçambique Botswana, Ilhas Maurícias, Lesotho, Malawi, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia e Zimbábue, estiveram

na base da fundação da SARPCCO, a 05 de Agosto de 1995. O principal objectivo desta organização é a manutenção e a garantia da tranquilidade e ordem públicas nos respectivos países, o combate ao crime organizado, transfronteiriço, roubo de gado, furto de viaturas, tráfico de drogas e outras práticas delituosas.

MWANGOLÉ

Polícia de trânsito tem Centro de Informação

Luanda conta já com um Centro de Informação na Direcção Nacional de Viação e Trânsito, onde o cidadão pode obter explicações relacionadas com Cartas de Condução, livretes, inspecções de viaturas entre outros serviços.

O Centro inaugurado pelo comissário Ambrósio de Lemos, segundo comandante geral para Ordem Pública da Polícia Nacional, dispõe de 12 computadores e dois terminais telefónicos com os números 222330999 e 222331111. Pretende-se assim evitar que os cidadãos se desloquem desnecessariamente para a direcção. Por outro lado, o nono Conselho Consultivo desta direcção recentemente realizado, recomendou a intensificação de acções de fiscalização contra o excesso de lotação nos transportes colectivos de passageiros, e de mercadorias com incidência nas estradas inter provinciais. Recomendou, igualmente, a reabilitação e requalificação do sistema viário, a reposição e correcta sinalização das vias urbanas e estradas nacionais, para a redução dos acidentes de viação assim como a organização do trânsito rodoviário.

